



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS/INGLÊS

**FABRÍCIA GONÇALVES VIEIRA MOREIRA**

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O ESTUDO DO  
CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, COMO PROPOSTA DE ENSINO  
PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Santa Inês – MA

2024

**FABRÍCIA GONÇALVES VIEIRA MOREIRA**

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O ESTUDO DO  
CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, COMO PROPOSTA DE ENSINO  
PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras habilitação em língua portuguesa, língua inglesa e respectivas literaturas.

Orientadora: Professora Dra. Daniela de Fátima Ferraro Nunes.

Santa Inês – MA

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

Moreira, Fabrícia Gonçalves Vieira.

Literatura afro-brasileira na sala de aula: o estudo do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, como proposta de ensino para uma educação antirracista. / Fabrícia Gonçalves Vieira Moreira – Santa Inês - MA, 2024.

66 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas literaturas, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Fátima Ferraro Nunes.

1. Educação antirracista. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Conto “Maria” de Conceição Evaristo. I. Título.

CDU: 37.035.1

**FABRÍCIA GONÇALVES VIEIRA MOREIRA**

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O ESTUDO DO  
CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, COMO PROPOSTA DE ENSINO  
PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras habilitação em língua portuguesa, língua inglesa e respectivas literaturas.

Aprovado em: 19 / 08 / 2024

**BANCA EXAMINADORA**



**Professora: Dra. Daniela de Fátima Ferraro Nunes (orientadora)**

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA



**Professora: Me. Ana Claudia Menezes Araujo**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



**Professor: Me. Italo Ramon Francisco de Melo Lima Ximenes**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus por esta realização do trabalho.

À minha irmã, ao meu tio e aos meus amigos. Obrigado a todos que trabalharam para chegar a esta conclusão.

Sou grata profundamente à instituição Centro de Ensino Professora Leuda Cabral, cuja colaboração da professora regente e da turma do 3º ano do ensino médio foi essencial para a realização deste estudo.

Agradeço à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), por fornecer um ambiente acadêmico favorável e por nos proporcionar um curso de Letras extraordinário, que fez a diferença em minha vida.

Além disso, quero deixar meus cordiais agradecimentos aos professores da UEMA, cujos esforços contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, incluindo ensinamentos significativos que melhoraram a minha compreensão do assunto.

Por fim, em particular, agradeço à minha orientadora professora Dra. Daniela de Fátima Ferraro Nunes.

*É como ter muitos sonhos. Metas e objetivos a serem alcançados. Milhões de milhas a percorrer. É desejar fortemente alçar voo. Um voo livre, que no começo aos olhos dos outros, possa até parecer desajeitado, mas que te levará aquele caminho o qual você sempre desejou. É torcer para chegar o momento de plainar e apenas seguir o vento, deixá-lo te levar. É tirar os planos e as ideias do papel e do travesseiro. É tornar tudo verdadeiro!*

(Elizabeth W.)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, como proposta para a promoção de uma educação antirracista na sala de aula do 3º ano do Ensino Médio no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral. Os objetivos específicos deste trabalho são: analisar o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, para identificar elementos culturais, históricos e afro-brasileiros presentes que podem contribuir para uma discussão acerca da educação antirracista; identificar metodologias implementadas ou se já foram implementadas para avaliar se o conto “influencia” na percepção dos alunos em relação à temática da educação antirracista. Em termos metodológicos, este trabalho é de natureza aplicada, abordagem qualitativa, tendo sido realizada, primeiramente, uma pesquisa de campo exploratória aliada a uma revisão bibliográfica. Como referencial teórico, estes são os principais autores utilizados: Araújo (2021), Evaristo (2009, 2014, 2016), Gomes (2003) e Ribeiro (2017). Quanto à escolha do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, este justifica-se por abordar temáticas como racismo, preconceito e discriminação, além de enfatizar a importância de uma educação antirracista nas escolas. Dessa maneira, a proposta de ensino foi metodologicamente dividida em cinco oficinas: 1: conhecimento acerca da temática juntamente com aplicação de questionário com os alunos; 2: roda de conversa sobre o conto Maria; 3: ministração de aula para abordagem da temática, incluindo os pontos literatura afro-brasileira e relações étnico-raciais; 4: desenvolvimento de atividades pela turma; 5: apresentações das produções e avaliação do impacto das atividades desenvolvidas por meio de um questionário. Os resultados revelam, de forma positiva, a importância de trabalhar com a literatura afro-brasileira para uma educação antirracista, pois favorece a discussão e reflexão sobre o racismo na comunidade escolar, além de possibilitar a compreensão, por parte dos alunos, sobre questões raciais e o papel da África na formação da cultura brasileira por meio da literatura. Diante disso, as atividades desenvolvidas pelos alunos foram fundamentais para alcançar os objetivos deste trabalho, colocando a literatura como ferramenta importante para a promoção da igualdade étnico-racial.

**Palavras-chave:** Educação antirracista; literatura afro-brasileira; conto “Maria”, de Conceição Evaristo.

## ABSTRACT

This work aims to present the short story “Maria”, by the Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo, as a proposal for the promotion of anti-racist education in the classroom, in the 3rd year of high school at the Professora Leuda da Silva Cabral Teaching Center, through the following specific objectives: to promote the Analysis of the Short Story "Maria" by Conceição Evaristo to identify cultural, historical and Afro-Brazilian elements present that can contribute to a discussion on anti-racist education; Identify methodologies implemented or if they have already been implemented and evaluate how the short story “influences” the students' perception in relation to the theme of anti-racist education. The work is classified as applied in nature, with a qualitative approach, having primarily been carried out as exploratory field research combined with a bibliographic review. As theoretical references, these are the main authors: Araújo (2021), Evaristo (2009, 2014, 2016), Gomes (2003), Ribeiro (2017). In this regard, the short story “Maria” by Conceição Evaristo was chosen to address issues such as racism, prejudice, and discrimination, in addition to emphasizing the importance of anti-racist education in schools. Thus, the teaching proposal was methodologically divided into five workshops: 1: knowledge about the topic along with the application of a questionnaire with the students; workshop 2: discussion group about the short story Maria; workshop 3: teaching a class addressing the theme: Afro-Brazilian literature and ethnic-racial relations; workshop 4: development of activities by the class; workshop 5: presentations of the productions and evaluation of the impact of the activities developed through a questionnaire. The results positively reveal how important it is to work with Afro-Brazilian literature for anti-racist education in the sense of discussing and reflecting on racism in the school community, in addition to having enabled the students to understand the importance of addressing racial issues, as well as understanding and learning about the role of Africa in the formation of Brazilian culture through literature. In view of this, the activities developed by the students were fundamental to the proposal of this work. Therefore, this research aimed to reflect and understand the importance of literature as an important tool for promoting ethnic-racial equality.

**Keywords:** Anti-racist education; Afro-Brazilian literature; short story “Maria”, by Conceição Evaristo.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Questionário sobre o vídeo: “Ninguém nasce racista. Continue criança” .....	35
<b>Quadro 2</b> - Perguntas subjetivas voltadas ao ensino da temática étnico-racial .....	36
<b>Quadro 3</b> - Perguntas sobre o conto “Maria” .....	40
<b>Quadro 4</b> - Perguntas do Quizizz .....	42
<b>Quadro 5</b> - Perguntas sobre o conceito e percepção do racismo .....	46
<b>Quadro 6</b> - Produção da estudante 1: Poema - Resistência .....	48
<b>Quadro 7</b> - Produção do estudante 2 .....	49
<b>Quadro 8</b> - Produção do estudante 3 .....	49
<b>Quadro 9</b> - Produção da estudante 4: Poema - Sonho de Liberdade, mas que tira a capacidade de viver .....	50
<b>Quadro 10</b> - Produção da estudante 5, poema “Sonhos que não morrem” .....	51
<b>Quadro 11</b> - Produção do estudante 6, poema “Racismo” .....	53
<b>Quadro 12</b> - Paródia que traz reflexões sobre o racismo da estudante 7.....	54
<b>Quadro 13</b> - Perguntas subjetivas voltadas ao ensino da temática étnico-racial e da avaliação do impacto das atividades desenvolvidas .....	55
<b>Quadro 14</b> - Nuvem de palavras sobre as principais temáticas abordadas neste trabalho .....	57

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. O CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 CONCEIÇÃO EVARISTO E RESUMO DOS PRINCIPAIS ELEMENTOS DO CONTO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 RELEVÂNCIA DO CONTO PARA A DISCUSSÃO SOBRE IDENTIDADE RACIAL E REPRESENTATIVIDADE NA LITERATURA.....</b>	<b>21</b>
<b>3. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: IDENTIDADE, CULTURA E CONTRIBUIÇÕES .....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LITERATURA .....</b>	<b>28</b>
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 TIPO DE PROPOSTA .....</b>	<b>31</b>
<b>4.2 CAMPO DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA E PÚBLICO-ALVO .....</b>	<b>32</b>
<b>4.3 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA .....</b>	<b>33</b>
<b>5. PROPOSTA METODOLÓGICA.....</b>	<b>34</b>
<b>5.1 OFICINA 1: CONHECENDO A TEMÁTICA JUNTAMENTE COM A APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO COM OS ALUNOS .....</b>	<b>34</b>
<b>5.2 OFICINA 2: RODA DE CONVERSA SOBRE O CONTO MARIA .....</b>	<b>39</b>
<b>5.3 OFICINA 3: MINISTRAÇÃO DE AULA ABORDANDO A TEMÁTICA: LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>5.4 OFICINA 4: DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PELA TURMA.....</b>	<b>46</b>
<b>5.5 OFICINA 5: APRESENTAÇÕES DAS PRODUÇÕES E QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>54</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>66</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta é uma proposta de ensino que tem o objetivo de trabalhar com o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, como proposta para a promoção de uma educação antirracista na sala de aula, no 3º ano do Ensino Médio no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral.

Esta proposta busca apresentar estratégias educativas que utilizam o referido conto como instrumento central para fomentar a consciência crítica, a compreensão cultural e a desconstrução de estereótipos raciais entre os alunos, proporcionando um ambiente de aprendizado mais inclusivo e alinhado aos princípios da educação antirracista. Tal educação é uma ferramenta para o enfrentamento do racismo estrutural<sup>1</sup> e está pautada nas leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que incluem no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino de “História e cultura afro-brasileira” e “História da cultura indígena e afro-brasileira”, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio (Brasil, 2003, 2008).

Portanto, o foco desta proposta foi promover reflexões nos alunos do 3º ano do Ensino Médio sobre a importância da literatura afro-brasileira e oportunizar a introdução de forma crítico-reflexiva nessa temática. Ressalte-se que, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, é importante que os professores trabalhem com a literatura afro-brasileira para possibilitar ao estudante a compreensão da participação dos autores negros na literatura e a importância que eles têm para o meio social.

Nessa perspectiva, foi abordada a narrativa contista da escritora Conceição Evaristo, para que os discentes possam compreender a sua representatividade nas obras literárias. É importante que os alunos conheçam a educação antirracista por meio da literatura afro-brasileira e do trabalho com contos que, de alguma forma, estimulam a reflexão sobre os efeitos do racismo. Essa temática de literatura pode ser uma ferramenta que trabalha a identidade negra e, para isso, é preciso que os educadores tenham consciência de que as questões raciais existem nas escolas de diferentes formas.

A escolha do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, para trabalhar a temática da educação antirracista justifica-se pela importância de utilizar a literatura como aliada nesse processo. O conto relata os desafios que a mulher negra enfrenta no seu meio social. Diante disso, esse conto aborda os problemas sociais e suas consequências, como o racismo, a discriminação, a violência de gênero e as suas causas.

---

<sup>1</sup> Racismo estrutural é a herança discriminatória presente em nossa sociedade e que faz com que certos grupos possuam certos privilégios devido ao tom de pele mais claro em relação às pessoas negras (Bersani, 2018).

Portanto, este trabalho propõe a seguinte problematização: como o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, pode ser utilizado enquanto instrumento didático-pedagógico para auxiliar na construção de uma educação antirracista? Nessa perspectiva, foram elaboradas as seguintes hipóteses:

a. A literatura afro-brasileira mostra-se uma potente ferramenta de ensino para a construção de uma educação antirracista;

b. Supõe-se que, na escola onde será aplicada esta proposta, podem ocorrer situações de racismo e discriminação camufladas pelo mito da democracia racial. A discussão proposta através do trabalho na área da literatura afro-brasileira pode ajudar na discussão e reflexão sobre esses assuntos;

c. O não acesso dos alunos às obras da literatura afro-brasileira deixa-os desinformados acerca da história e cultura negra;

d. A falta de conscientização dos profissionais da educação de que a literatura afro-brasileira pode ser um importante aparato para relações étnico-raciais.

A educação tem uma função indispensável no desenvolvimento de propostas de ensino que metodologicamente visem aproximar os alunos das discussões étnico-raciais. Essas propostas permitem não somente o reconhecimento do negro na cultura brasileira, como também a reflexão e identificação de causas e consequências do racismo. É nesse sentido que a educação antirracista vai muito além de uma simples proposta pedagógica.

Sabendo disso, a escola é o ambiente essencial para falar das questões étnico-raciais. Os estudantes necessitam de uma nova visão crítica a respeito do racismo, de modo que possam alterar o imaginário racista por meio de recursos didáticos que expressam a cultura negra. Logo, “obras literárias africanas e afro-brasileira (além das brasileiras de temática africana e afrodescendente) podem ser utilizadas, portanto, como proposta didática que permitam a construção afirmativa da identidade racial” (Laverde, 2016, p. 172-173). Além disso, esse tipo de literatura é uma forte ferramenta para combater o racismo que as pessoas negras sofrem e, pela sua importância, deve ser trabalhada junto com a educação antirracista, que é o mecanismo essencial para que haja a construção de uma sociedade diversificada e que respeita as diferenças.

Por consequência, o espaço escolar deve ser um local que promova a igualdade. Nesse aspecto, Müller e Santos (2013, p. 89) concordam que “o espaço escolar é o lugar onde se constroem nos indivíduos as solidariedades necessárias para a ‘cidadania e o convívio social’. Mas também onde se constroem as intolerâncias e o racismo”. A escola é uma comunidade

social em que os estudantes passam por uma construção de conhecimento e, por isso, é indispensável ter pautas para que os negros sejam respeitados e valorizados.

Reforça-se, então, que esta proposta de ensino tem como objetivo geral trabalhar o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, como proposta para a promoção de uma educação antirracista na sala de aula, no 3º ano do Ensino Médio no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral. Quanto aos objetivos específicos, têm-se: analisar o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, para identificação de elementos culturais, históricos e afro-brasileiros presentes que podem contribuir para uma discussão acerca da educação antirracista; identificar metodologias implementadas ou se já foram implementadas e avaliar se o conto “influencia” na percepção dos alunos em relação à temática da educação antirracista.

Para o desenvolvimento do estudo, a metodologia utilizada possui natureza aplicada, com abordagem qualitativa, com realização de revisão bibliográfica e pesquisa de campo de caráter exploratório. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionário sobre as relações étnico-raciais e sobre a literatura afro-brasileira como ferramenta que favorece a implementação de uma educação antirracista a partir da reflexão e da interação dos alunos com a produção de poemas e paródias.

Estruturalmente, o presente trabalho está organizado em cinco capítulos, assim divididos: na introdução aborda-se uma contextualização sobre a temática; o primeiro capítulo trata da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo e dos principais elementos do conto “Maria”; o segundo capítulo descreve um panorama histórico da literatura afro-brasileira e da prática de uma educação antirracista; o terceiro capítulo expõe os procedimentos metodológicos e de campo utilizados neste trabalho; o quarto capítulo relata a proposta metodológica das oficinas que são apresentadas as análises sobre o desenvolvimento da proposta e o impacto desta para os alunos participantes; e, por fim, as considerações finais.

## 2. O CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A discussão aqui apresentada aborda os principais elementos do conto “Maria” e o contexto histórico e social da obra e de sua autora, Conceição Evaristo, já que sua escrita é pautada em vivências do seu cotidiano. Ressalta-se que o trabalho de Conceição Evaristo é extremamente relevante para a discussão sobre identidade racial e representatividade na literatura.

### 2.1 Conceição Evaristo e resumo dos principais elementos do conto

Maria da Conceição Evaristo de Brito, linguista e escritora afro-brasileira, nasceu no dia 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte (MG). Viveu seus primeiros anos na favela do Pindura Saia, pois sua família era de classe média baixa. Desde cedo precisou ajudar no sustento de casa e, para alcançar o mundo da educação formal, enfrentou muitos obstáculos.

Migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Participante do movimento de valorização da cultura negra no Brasil, iniciou na literatura, durante a década de 1990, com a publicação de seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. A escritora é um grande expoente da literatura contemporânea, romancista, poeta e contista, homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti (2019) e vencedora do Prêmio Jabuti (2015). Em seus escritos busca trazer a valorização da cultura e literatura negras. Suas obras também são denúncias da misoginia, do racismo, da pobreza e da discriminação que a população negra sofre.

As obras evaristianas recebem o nome de “escrevivência”, isto é, “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (Oliveira, 2009, p. 622). Segundo Evaristo (2009, p. 18):

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.

As temáticas de suas obras costumam ser: uma denúncia da realidade vivenciada pela população negra, violência urbana, pobreza, miséria, racismo e sexismo. Ela também enfatiza em suas obras literárias reflexões impactantes e objetivas sobre essas temáticas. No conto Maria, por exemplo, relata as dificuldades na vida e no cotidiano da personagem, as violências, a fome, as injustiças, a desvalorização da mão de obra, tudo isso envolvendo os preconceitos que persistem desde a época da colonização e da escravidão.

Ao refletir sobre as obras de Conceição Evaristo, a escritora Marisa Lajolo (2016) descreve que a maneira como as histórias são narradas influencia diretamente na compreensão do ouvinte/leitor, possibilitando experiências e um melhor entendimento da obra narrada por meio de sentimentos e empatia acerca do assunto exposto.

Sabendo disso, a partir das histórias de ficção que a autora relata em seus contos, o sofrimento das mulheres negras recebe destaque, já que, na maioria das vezes, ocupa menos espaço na sociedade, sendo, assim, marginalizado. É por meio da literatura afro-brasileira que essas mulheres negras conseguem ser ouvidas. Em suas obras, a mulher negra é vista como a grande musa, aquela que espelha todas as histórias, ainda que seja uma mulher negra sofredora.

Em vista disso, foi abordado um resumo sobre os principais elementos do conto “Maria”, presente tanto nos Cadernos Negros quanto na obra Olhos d’Água. A narrativa se passa em terceira pessoa, possui narrador onisciente e tem como protagonista a personagem-título Maria, cujo nome é o mesmo da autora e de suas irmãs (Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, e Maria de Lourdes Evaristo).

A protagonista descrita trabalha como doméstica, o que nos remete ao primeiro serviço da escritora que, durante muito tempo, ajudou no sustento familiar através de serviço doméstico. Ela levava as sobras dos alimentos para aliviar a sua fome, assim como descrito em um trecho da obra: “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2014, p. 39).

Nessa perspectiva, Maria é uma mulher negra pertencente à classe média baixa, mãe de três filhos e empregada doméstica. A história tem início com a personagem à espera do transporte público. Ela estava voltando de seu trabalho e carregava consigo algumas sacolas (restos de alimentos de uma festa ocorrida na casa de sua patroa). Mesmo diante de tanto cansaço, estava feliz, pois levava comida para seus filhos e havia recebido uma gorjeta que poderia comprar o remédio para curar a gripe de suas crianças.

A personagem Maria tinha um serviço árduo e desvalorizado, e sua mão de obra era explorada. Isso nos faz recordar do fim da escravatura, quando os negros trabalhavam em troca

de restos das comidas para saciarem a sua fome. Por esse aspecto, Souza (2013, p. 67) relata essa realidade da desvalorização do trabalho doméstico:

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...].

O trabalho doméstico era desvalorizado principalmente por patrões que viam as mulheres negras como inferiores. No segundo parágrafo do conto, o narrador descreve que Maria chega a sofrer um acidente doméstico ao cortar um pernil para a sua patroa: “a palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (Evaristo, 2016, p. 40).

No período da escravidão, os negros eram responsáveis por trabalhar nas plantações ou realizar os serviços manuais, que eram muito arriscados. A protagonista sofreu um pequeno corte em sua mão enquanto trabalhava. Esse corte é uma metáfora para referir os resquícios abertos do racismo que penetram na pele dos negros, ferindo-os e humilhando-os sem se quer ter o seu direito de autodefesa. Segundo Joly (2005, p. 89-90):

[...] no campo das representações culturais, o termo “escravidão” revestia-se de toda uma gama de significados negativos, de modo que não se encontra nos autores antigos nenhuma crítica à escravidão como instituição, mas antes a crítica a uma racionalidade servil, ou seja, à adoção pela camada senhorial de traços de caráter que seriam próprios de um escravo: a falta de autocontrole, o apego a bens materiais, o egoísmo, o individualismo, a adulação dos superiores, etc. Em outras palavras, diluía-se assim no campo moral a divisão entre livres e escravos, estabelecendo-se como que uma relação dialética de mútua determinação entre escravidão e liberdade.

No conto, nota-se a distinção de classes: a personagem Maria representa a classe inferior e a patroa a classe dos senhores que escravizavam. Desse modo, trabalha sem receber um salário, mas sim apenas trocas de migalhas, sendo que esses restos de comidas, para a patroa, eram para ser descartados no lixo. Esse “lixo”, no entanto, já salvou a vida de muitas famílias, inclusive a de Maria. A protagonista também era vista como um objeto, cuja mão de obra desvalorizada.

Após entrar no ônibus, a protagonista é surpreendida pela presença de seu ex-companheiro e pai do seu filho mais velho, que, após trocar algumas palavras com ela, anunciou o assalto. Naquele momento, a única coisa que se passava pela cabeça de Maria eram seus filhos. Acerca disso, Evaristo (2016, p. 39-42) declara que:

O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel



ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida.

O quarto parágrafo revela que a ferida na mão de Maria era o seu único pertence. Isso nos faz lembrar que os negros em suas histórias carregavam as feridas que a escravidão lhes causara. Durante o assalto, o homem resolveu poupá-la e não levou nada de seus pertences, iniciando nesta ação um momento de tensão. Por conta da cor de sua pele, Maria começa a ouvir as acusações, xingamentos e é espancada, pisoteada até a morte, sem ter ao menos a chance de tentar se defender.

Conceição Evaristo aborda um ponto interessante com o sofrimento e assassinato de Maria: a desumanidade das pessoas que insultam a protagonista lhe acusando de ser cúmplice dos assaltantes. Isso revela até que ponto a sociedade pode chegar em uma situação de julgamentos arcaicos coloniais, alcançando o extremo: o linchamento. A personagem foi vista com os traços de escravos que carregavam em sua pele os maus-tratos sofridos perante a sociedade. Maria não foi assaltada porque não tinha pertence de valor, apenas uma gorjeta que havia ganhado de sua patroa e restos de alimentos.

O trecho a seguir mostra a fúria das pessoas que julgaram Maria, além das falas racistas. Sobre isso, Evaristo (2016, p. 41) diz que:

Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.

Percebe-se que a protagonista sofre agressões verbais e racismo pelas pessoas que estão presentes no transporte. Maria foi referida pelo sujeito como “puta safada”, “negra safada”, palavras ofensivas que foram usadas contra a protagonista pelo fato de viver em uma sociedade machista que vê as mulheres com inferioridade, oferecendo-lhes, inclusive, a violência verbal. O próximo trecho do conto mostra que Maria tentou se defender, porém não ouviram e partiram para a violência física. Por esse aspecto, Evaristo (2016, p. 42) afirma que:

[...] a primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida - disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!.... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria.

Todavia, percebe-se o efeito do patriarcado ao levar um tapa em sua cara por uma pessoa que se vê superior, com poder sobre a protagonista, insultando com palavras pejorativas e cometendo a agressão física. Maria não conseguiu ser ouvida, pois os julgamentos, as agressões

verbais e psicológicas vindas dos demais passageiros falaram mais alto e cortaram a sua alma, sendo pior e mais incisiva do que a faca a laser. O conto conclui com o seguinte texto: “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (Evaristo, 2014, p. 42). Maria não estava preocupada com os julgamentos das pessoas, ela queria apenas apresentar para os filhos o melão, uma fruta que não tinham degustado, e falar o recado que o pai do menino mais velho tinha mandado.

O conto mostra como a sociedade julga o indivíduo negro com os estereótipos que são presentes desde a escravidão. Maria era uma simples empregada doméstica, que ficava feliz pelo simples fato de poder levar restos de comida da casa de sua patroa para alimentar os seus três filhos. A protagonista do conto representa as mulheres negras da sociedade brasileira que sofrem diariamente o racismo e a discriminação em uma sociedade cultural que ainda carrega em seu leito os resquícios do preconceito patriarcal. Maria é um grito de denúncia contra o racismo estrutural e, além de todos esses aspectos situados, ela aborda os desafios que a população negra enfrenta diariamente.

Maria foi desprezada e excluída pelos sujeitos que estavam dentro do ônibus. Ela ainda tentou se justificar, porém foi silenciada e lixada, resultando em sua morte trágica e passando para o leitor uma reflexão sobre até que ponto o racismo pode chegar. Para diversificar essa ignorância que a sociedade patriarcal carrega em seu leito, é necessário que as escolas tenham proposta de ensino que inclua a literatura afro-brasileira como ferramenta para o desenvolvimento de uma educação antirracista.

Por conseguinte, deve-se abordar o contexto histórico e social da obra e da autora e escritora Conceição Evaristo, que vem publicando os contos desde 1990, na série *Cadernos Negros*. Essa série contempla somente publicações de escritores negros. Depois, a escritora transformou os contos em uma antologia de contos intitulada “Olhos d’água”, publicada em 2014. Segundo o artigo de Rodrigo da Rosa Pereira (2016, p. 33), “A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões de gênero, raça e classe”,

Os *Cadernos negros* consistem em uma edição coletiva anual de contos e poemas, publicados ininterruptamente desde 1978. Cumprindo o papel central de divulgar uma enunciação negra, de temática variada, majoritariamente relacionada à vida, tradição e cultura afro-brasileiras, tal série representa a antologia de literatura afro-brasileira de vida mais longa, constituindo-se em um dos principais veículos que tem contribuído para a inclusão da vertente “afro” na literatura brasileira, especialmente por reunir escritores de diferentes gerações e de diversas partes do Brasil. Assim, seu maior mérito tem sido dar visibilidade a textos que lançam o olhar sobre a realidade brasileira, colocando a população negra como protagonista de seus versos e histórias.

O autor destaca que, através dos *cadernos negros*, proporciona-se “[...] ao leitor uma reflexão sobre as problemáticas do ser mulher na sociedade brasileira, questionando e

ressignificando essa condição sob a perspectiva das próprias mulheres negras” (Pereira, 2016, p. 34). É por meio dessas escritas que a sociedade está sendo informada dessa significação, que está impregnada nas obras de escritoras negras.

A escritora é uma porta voz para a escrita afro-brasileira, pois relata em seus contos a violência verbal e física que as mulheres negras sofrem perante a sociedade que a própria autora vivenciou ou presenciou ao longo da sua trajetória. Em sua obra “Olhos d’água” (possibilidade de dar voz às mulheres negras que eram marginalizadas) é onde está localizado o conto Maria.

Em seus contos, a autora ressalta o papel da mulher negra, que é estereotipada apenas como empregada doméstica. Por isso, é importante ressaltar que os serviços domésticos eram vistos como inferiores pela sociedade e, desse modo, são as pessoas negras, mesmo tendo sido libertas no ano de 1888, que não tiveram nenhum apoio para que prosseguissem na sua vida em prol de uma nova história. Segundo Santos *et al.* (2017, p. 7):

As mulheres negras são a parcela mais pobre da sociedade brasileira. No mercado de trabalho elas possuem as condições de trabalho mais precárias, tem os menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego. Em grande maioria ocupam cargos inferiores, subalternos, desvalorizados, com baixos salários, devido a pouca qualificação profissional por falta de oportunidades, têm maior dificuldade de completar a escolarização, além de possuir chances ínfimas de chegar a cargos de direção e chefia que refletem a baixa qualidade de vida social.

O autor revela que as mulheres negras enfrentam problemas sociais, principalmente na falta de emprego. Sob esse prisma, a escrita de Conceição é produzida por meio da sua realidade social. Por consequência, em suas obras, busca dar voz às mulheres negras que, por muito tempo, foram silenciadas no cenário da literatura e eram representadas com estereótipos. Sobre isso, Silva e Silva (2010, p. 4) afirmam que:

A mulher também ficou, por longas décadas e séculos, com um papel secundário nas obras literárias. Aos homens eram dedicadas as principais personagens, as discussões, aventuras e reflexões. [...] nas narrativas de autores masculinos, tudo tem uma perspectiva e um direcionamento totalmente masculinos, como se todos os seus leitores também o fossem. Logo, as personagens femininas ficam deixadas em um segundo plano, seguindo paradigmas de estereótipos e papéis.

Portanto, a escritora é uma porta voz para a escrita afro-brasileira, relatando em seus contos realidades que as personagens negras enfrentaram e enfrentam devido ao fato de serem mulheres e pela cor de pele. O que traz mais autoridade para os textos é que a própria escritora passou por muitos desses problemas sociais.

Em relação à biografia da autora, como referido, Conceição Evaristo pertenceu a uma família de classe baixa. Ela não conhecia o seu pai, porém, essa paternidade foi preenchida pelo seu padrasto Aníbal Vitorino, que exercia o serviço de pedreiro. Aos sete anos de idade, foi morar com sua tia Maria Filomena da Silva, para diminuir as despesas da casa de sua mãe. A

sua condição de vida a fez dar continuidade nos seus estudos. Como escritora, inspirou-se no Diário de Maria Carolina de Jesus, publicação que foi alvo de grande comoção por parte dos leitores. Acerca disso, Araújo (2021, p. 127) descreve uma fala de Conceição Evaristo ao site da UFMG:

[...] no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos.

A escritora Carolina de Jesus tem algo em comum com Conceição Evaristo: ambas são escritoras negras, trabalharam como domésticas, cresceram em uma favela e buscaram, por meio da escrita, discorrer sobre os fatos que vivenciaram no seu contexto social. A sua obra “Quarto de Despejo” aborda sobre a sua trajetória na favela, descrevendo a realidade de como sobrevivia à fome com os seus filhos. Sobre isso, a autora Carolina de Jesus (2014, p. 197) declara que:

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Mesmo com tantas dificuldades, a escritora Carolina de Jesus deixou registradas as suas “escrevivências” que serviram para visibilizar à sociedade a realidade que o povo negro enfrentou e enfrenta, e possibilitar aos novos escritores a continuidade da sua escrita. Assim, as histórias de escritoras negras (os) serão reconhecidas e lidas por todos.

As escritas de Conceição são marcadas pelo senso de observação dos acontecimentos, presenciados ou vivenciados ao longo da sua trajetória de escritora. A partir desses fatos, conseguiu transformar a oralidade em um texto ficcional, trazendo vários fatores como a violência, a desigualdade social, o racismo, a fome e as injustiças, além dos sofrimentos da mulher negra.

É importante acrescentar que, por meio da literatura, a autora buscou combater a desigualdade através da conscientização contra a opressão, mostrando a desvalorização que o afro-brasileiro sofre há mais de 300 anos por conta da escravatura. Ademais, a sua escrita é marcada pela história da comunidade negra, sendo uma denúncia para reedificar uma posição de dignidade no presente. Nesse sentido, a abordagem do passado na literatura é uma forma de afirmar a trajetória e identidade do povo afro-brasileiro.

A literatura afro-brasileira deve ir além da formação de conteúdos e informações, dando espaço para uma proposta pedagógica de instrumentação de humanização e transcendência, e estabelecendo visões de valores que ajudem a formar cidadãos conscientes sobre as mais diversas realidades.

No conto “Maria”, podemos refletir o quão perigoso é o preconceito e o racismo, até que ponto pode chegar, mostrando que, por conta do racismo estrutural, as pessoas julgam a protagonista pelo fato de ser negra. Esta sofreu agressões verbais e físicas que a levaram à morte. Diante disso, é nítido o quanto os negros sofrem pela sociedade que os julga sem saber a sua história de vida, como no caso da morte da protagonista do conto. Por consequência, não há dúvidas de que o povo negro do Brasil tem seu cotidiano e sua identidade ainda hoje marcados pela discriminação étnico-racial.

Concomitantemente, a literatura afro-brasileira se propõe a resgatar as vivências dos negros, evidenciando o sofrimento que enfrentam simplesmente por serem negros. Isso acontece em vários lugares e as escolas não são exceções. Por esse motivo, é essencial trabalhar essa literatura no campo escolar, pois pode se tornar uma forte ferramenta contra o racismo.

## **2.2 Relevância do conto para a discussão sobre identidade racial e representatividade na literatura**

O conto “Maria” é extremamente relevante para discutir acerca da identidade racial e da representatividade negra na literatura. Por esse aspecto, o objetivo principal desta pesquisa consistiu em: apresentar o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, como proposta para a promoção de uma educação antirracista na sala de aula do 3º ano do Ensino Médio, no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral.

O conto traz problemas sociais que a personagem se depara no meio de seu convívio, como a fome, violência, racismo, além de outros problemas. Diante desse contexto, a leitura do conto traz reflexões importantes para a comunidade escolar, podendo ser considerado como uma semente plantada nos alunos e que promove uma educação antirracista. É imprescindível a importância da leitura de obras de escritores negros para que, por meio da leitura, os alunos reconheçam a trajetória deles nos textos literários.

Portanto, o conto proposto é um instrumento para que os leitores percebam o quão destruidor é o racismo. A personagem Maria não teve a oportunidade de ser ouvida, pois as pessoas do ônibus estavam lhe acusando de ser cúmplice dos bandidos; começaram a lhe insultar com palavras de cunho racista “negra safada” e, no final do conto, a personagem morre

de maneira trágica, fazendo com que os novos leitores percebam que o racismo patriarcal ainda está presente na população brasileira.

Então, por meio da literatura afro-brasileira, os escritores negros estão revertendo essa realidade que muitos passaram, sendo de extrema relevância a discussão sobre a identidade racial. Esse fato provoca na sociedade e na comunidade escolar uma reflexão acerca das injustiças que fizeram com a população afro-brasileira. Segundo Silva (2002, p. 60), a identidade se constrói em um contexto social:

Um dos elementos mais importantes no processo de constituição social do sujeito é a identidade. Ela não é inata, se constrói em determinado contexto histórico e cultural, e está relacionada aos referenciais coletivos de inserção a um grupo, aos usos sociais das formas de reconhecimento e aos processos culturais de construção de representações simbólicas.

Semelhantemente, Ferreira (2014, p. 250) relata que, “para temos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades [...] para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar”. Por consequência, o reconhecimento das identidades permite ter uma visão mais profunda do preconceito enraizado em nossa sociedade.

Ianni (1988) complementa que podemos considerar a literatura negra como um imaginário mutável, que sofre transformações históricas e sociais. Nessa perspectiva, as obras possuem uma riqueza imensa de detalhes e variados assuntos, fazendo diálogo com o período em que é produzida e, também, com outros autores. Através da literatura negra, podemos moldar o senso crítico dos estudantes para que saibam a relevância e a representatividade que os escritores negros têm em suas ficções.

### 3. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A literatura é uma importante ferramenta para abordar questões raciais e promover a diversidade. É nesse sentido que a abordagem do conto “Maria” se justifica, pois traz reflexões importantes sobre uma sociedade não tão distante da nossa. É sabido que, com o “fim da escravidão”, não findou o preconceito, motivo pelo qual os atos racistas ainda estão presentes nos dias atuais.

Ao ler uma determinada obra literária que apresenta o modo perverso como a comunidade negra era tratada, os alunos desenvolvem o sentimento de empatia em relação aos personagens apresentados e, até mesmo, de revolta quanto a determinadas atitudes vividas pelos negros.

Em outra perspectiva, a literatura também promove a igualdade, ensinando como o meio sócio-histórico influenciou e influencia as ações da sociedade atual. Nesse sentido, o preconceito vivido no tempo presente é apenas um reflexo das ações preconceituosas do passado. Além disso, os grupos privilegiados, através da literatura, podem perceber, claramente, todos os benefícios que possuem.

Sob esse prisma, esse conhecimento não é importante apenas para os grupos oprimidos. Ribeiro (2017) pontua que o ideal seria que os indivíduos que pertencem a um grupo social privilegiado possam enxergar as hierarquias que impactam diretamente na constituição de lugares subalternizados. No contexto do nosso país, Ribeiro (2017, p. 47) afirma que:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos.

A autora acrescenta que defender uma identidade social negra consiste na reivindicação de suas existências e modos de fazer político e intelectuais, e que não têm sentido serem vistos como separatistas ou pensando somente nelas mesmos (Ribeiro, 2017). Outro fator importante que Ribeiro (2017, p. 34) relata é que “o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades”, como, por exemplo, os descendentes de pessoas pobres, na grande maioria das vezes, serão pobres, e de ricos serão ricos. Meritocracia existe só no papel, pelo menos no nosso país.

Assim, é importante acrescentar que não podemos sentir a dor do outro. O sofrimento que o preconceito produz em uma pessoa negra só elas conhecem, pois vivenciam no seu cotidiano e nas suas memórias. Por isso, qual é a melhor pessoa para falar sobre o preconceito?

Resposta: aquelas que sofrem tal ato desumano. Logo, não podemos negar que possuem uma autoridade narrativa e testemunhal que nenhuma outra pessoa poderia ter. Por fim, através da literatura, podemos ter uma noção, mesmo que superficial, do real significado do racismo.

A literatura afro-brasileira firmou o seu conceito no Brasil no século XX, com o surgimento dos Cadernos Negros, publicados no ano de 1978, pelo movimento Quilombo Hoje de São Paulo, tendo o objetivo de ter a sua visibilidade e de conscientizar a sociedade a dar espaço para que os negros sejam escritores de suas raízes, defensores de sua cultura e nacionalidade, as quais, por muito tempo, foram estereotipadas.

Vale ressaltar que a literatura afro-brasileira se socializou no século XX, porém, as produções de escritores negros são datadas desde o século XIX, sendo este o caso da escritora Maria Firmina, a primeira autora negra a escrever uma obra afro-brasileira, “Úrsula”, publicada no ano de 1859. A obra foi assinada com o pseudônimo “uma maranhense”. Conforme Duarte (2005, p. 327):

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendido como produção afrodescendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro.

A literatura afro-brasileira está ligada às vivências e aos sofrimentos dos autores negros em suas obras. Nesse sentido, estão visíveis os impactos causados pelo racismo e as suas escritas são um grito de liberdade de expressão. Por essa razão, é nítido ver esses aspectos na obra “Olhos d’água”, da autora Conceição Evaristo.

O Caderno Negro foi publicado pela primeira vez no ano de 1878, intitulado de Movimento Negro Unificado, sendo uma proposta incentivadora para os escritores negros materializarem os seus pensamentos. A publicação surge para que a população negra tivesse acesso à educação, aos direitos culturais e ao direito de ser conhecido pela sua história. A primeira edição do caderno era um livro pequeno de bolso e, desde a primeira edição, tem sido publicado apenas um volume do livro por ano sobre prosa e poemas pela editora Quilombo Hoje.

Sobre a literatura negra, Duarte (2009, p. 77-78) afirma que:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônomo desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas e invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas, invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e



transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo.

Diante disso, a literatura negra se destaca por ter edições de livros que descrevem e tentam resgatar os costumes afro-brasileiros a partir de suas vivências, as quais são organizadas as narrativas. Além disso, possuem diversos assuntos, como: religião, cultura afro-brasileira, escravatura, entre outros. Os livros têm, então, a função de dar voz àqueles que se sentem invariabilizados e, nesse viés, D'Adesky (1997, p. 19 *apud* Silva; Costa, 2018, p. 27) defende que:

A aspiração de ser reconhecido como ser humano corresponde ao valor que chamamos de autoestima. Ela leva os negros a desejarem libertar-se do estado a que foram relegados e desembaraçar-se das imagens depreciativas de si mesmos, particularmente, leva-os a lutar contra o racismo que representa, acima de tudo, uma negação radical do valor das heranças histórica e cultural de onde advêm a discriminação e a segregação.

D'Adesky (1997 *apud* Silva; Costa, 2018) também descreve que as pessoas negras possuem sentimentos de inferioridade e, no contexto escolar, o professor deve estar prevenido para tratar das relações étnico-raciais, explorando a literatura afro-brasileira para que os alunos percebam a sua representatividade na sociedade. Quando o aluno se vê no personagem, indubitavelmente se sente representado. Ademais, esse contato com a literatura negra pode fazer com que os alunos tenham o interesse de se aprofundar na leitura e aprender sobre as suas raízes.

### 3.1 Educação antirracista

A escola é o campo que lapida os estudantes por meio da educação, cujo objeto é a transformação social, uma ferramenta construtiva na formação intelectual. Por isso, os professores precisam ter em sua didática um espaço inclusivo e reflexivo sobre a história e a cultura dos povos afrodescendentes.

Ao pensar a educação na perspectiva do enfrentamento do racismo, a escola pode ajudar a dignificar a identidade e as trajetórias dos negros. Logo, ensinar acerca da história africana e afro-brasileira é fundamental, abordando desde cedo a contribuição, a cultura e a literatura afro-brasileira. Assim, os jovens passam a ter referências e se sentem parte da escola e integrados.

Envolver as famílias na rotina escolar também é uma via de fortalecimento do ensino antirracista. Quando se trata de educação, os ambientes escolar e familiar se complementam. Segundo as autoras Troyna e Carrington (1990, p. 1):

Educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para

eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal.

Desse modo, a literatura afro-brasileira faz parte da educação antirracista, sendo um potencial instrumento de disseminação da cultura nos seus mais amplos aspectos, oportunizando aprendizagem para todos os estudantes sobre a miscigenação dos povos que deram origem à mistura de raças que existem hoje. A partir disso, entendemos mais sobre as questões sociais e contribuimos para a prevenção de preconceitos.

É importante acrescentar que o Brasil é um país misto de valores culturais, gêneros literários, diversidades de vozes representativas que abriram caminhos para os estudos acadêmicos e que resgatam as escritas negras, considerado um fenômeno cultural. Temos muitos autores famosos que trazem em suas obras as suas “escrevivências” e que servem de base para trabalhos acadêmicos, devido às suas obras serem impactantes no âmbito educacional.

Ademais, Cavalleiro (2001, p. 158) recomenda oito medidas para uma educação antirracista que trabalha pela igualdade:

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do ‘eurocentrismo’ dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de ‘assuntos negros’.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados.

As características discutidas acima incluem os tópicos propostos para serem considerados nas escolas. Portanto, os professores devem incluir em suas didáticas o reconhecimento de uma educação antirracista, sabendo orientar em suas aulas questões sobre o racismo, sobretudo nas situações em que ele acontece de forma camuflada no ambiente escolar. Os alunos precisam reconhecer as atitudes de preconceito e discriminação diante do povo negro e as medidas recomendadas por Cavalleiro (2001) permitem que o povo negro e não negro construa suas identidades individuais e coletivas.

É preciso garantir o direito de aprender e expandir seu conhecimento sem ser forçado a negar a si próprio ou ao grupo étnico-racial ao qual pertencem. Por isso, a educação antirracista, por meio da literatura afro-brasileira, é uma via para garantir esse direito.

### 3.2 Literatura afro-brasileira: identidade, cultura e contribuições

A cultura afro-brasileira é responsável pela formação da identidade nacional, pois possui uma herança trazida pelos africanos que foram escravizados no Brasil. Ao longo de muitos anos, a contribuição desses afrodescendentes, por diversas vezes, foi deturpada e esquecida, porém o intuito é resgatar e narrar essas histórias ignoradas. Ademais, a variedade da cultura brasileira está ligada à herança africana, que tem grande influência na literatura com temas sobre a luta contra a escravidão, preconceito racial e busca por uma identidade própria. Sob esse prisma, Gomes (2003, p. 171) faz a seguinte afirmação:

A identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico-racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico-racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiras.

A literatura afro-brasileira pode ser uma ferramenta capaz de trazer mudanças importantes, porque trabalha com o multiculturalismo e, também, porque permite a construção de interlocutores capazes de refletir e criticar as situações impostas por uma sociedade em que o racismo está frequentemente presente.

Essa literatura contribui para que o estudante amplie sua capacidade de reflexão, tendo em vista que as obras estão ligadas às vivências e aos sofrimentos dos autores negros. Além disso, em suas obras estão visíveis o impacto causado pelo racismo, sendo, então, um grito de liberdade de expressão. É nítido ver esses aspectos, por exemplo, na obra “Olhos d’água”, da autora Conceição Evaristo. Portanto, a literatura afro-brasileira pode fazer do espaço escolar um lugar privilegiado para a reeducação da diversidade.

Silva e Silva (2010, p. 35) trazem em sua citação uma proposta que utiliza literatura para tratar sobre a representatividade do negro:

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...] Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade.

A construção de uma identidade acontece a partir do meio onde a pessoa está inserida e representa a personalidade de cada indivíduo. É por meio da coletividade que o indivíduo se

reconhece em coletivo com outras pessoas negras, em particular aquelas que possuem essa mesma realidade de valorização da negritude.

Segundo Lima (2017), identidade é a singularidade completa. O termo “cultural” refere-se ao conhecimento. O sentimento de autoconhecimento surge imediatamente quando as duas palavras são combinadas. A identidade está ligada a muitas questões culturais contemporâneas, incluindo lugar, gênero, raça, história, nacionalidade, idioma, orientação sexual, crença religiosa e etnia. Todas essas questões acabam influenciando a discussão sobre a identidade cultural.

A cultura desempenha um papel importante na definição das diferentes personalidades, padrões de conduta e características distintas de cada grupo humano na perspectiva individual ou coletiva da identidade. Como nosso mundo é repleto de novidades e características temporárias, a influência do meio sempre modifica uma pessoa. Em complemento, o dicionário Houaiss define cultura como o conjunto de atividades, comportamentos, costumes e instruções de um povo, meio pelo qual o homem se adapta às circunstâncias de existência, alterando a realidade.

Logo, respeitar a liberdade de pensamento, expressão e identidade de cada pessoa é o que significa valorizar a cultura (Lima, 2017).

### **3.3 Relações étnico-raciais e a literatura**

É fundamental que os alunos aprendam sobre a educação antirracista por meio da literatura afro-brasileira, trabalhando contos que os ensine a refletir acerca dos efeitos do racismo. Essa literatura pode ser, então, uma ferramenta que resgata a identidade negra e, para isso, é preciso que os educadores tenham consciência de que as questões raciais existem nas escolas de diferentes formas. Em termos legais, no ano de 2003, a Lei Federal nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

§ 3º (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9. 1. 2003) (Brasil, 2003, art. 96).

Devido ao Brasil ser miscigenado e possuir uma cultura mista, a escola, enquanto uma instituição pública, deve adotar uma conduta abrangente, com uma educação democrática voltada aos direitos fundamentais dos seres humanos, como podemos observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A aplicação e o aperfeiçoamento da legislação são decisivos, porém, insuficientes. Os direitos culturais e a criminalização da discriminação atendem aspectos referentes à proteção de pessoas e grupos pertencentes às minorias étnicas e culturais, para contribuir nesse processo de superação da discriminação e de construção de uma sociedade justa, livre e fraterna, o processo há de tratar do campo social, voltados, para a formação de novos comportamentos, novos vínculos, em relação àqueles que historicamente foram alvos de injustiças, que se manifestam no cotidiano (Brasil, 1997, p. 25).

Em conformidade com isso, Debus (2012, p. 146) reitera a importância de uma educação antirracista e da valorização da cultura dos povos negros:

A Lei nº 10.639/2003, como uma política pública de Ação Afirmativa, que reconhece a diversidade étnico-racial, valoriza a história e a cultura dos povos negros e se propõe a construir uma educação antirracista, sem sombra de dúvidas, trouxe avanços para essas discussões no espaço escolar, no entanto, a sua aceitação não é unânime.

Assim como na BNCC, o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTM) também faz abordagens acerca das relações étnico-raciais e do ensino da história africana no tópico em que está inserido a Lei nº 10.639/2003, que é vista como de grande valia para o combate ao racismo e para o estudo da realidade maranhense. Essa lei legitimou as práticas e reivindicações sociais do movimento negro no Brasil, representando o resultado das lutas e reivindicações do movimento negro. Sob o mesmo ponto de vista, Laverde (2016, p. 171) cita que a lei é uma:

[...] resposta às demandas sociais em prol de uma educação democrática, que direciona o direito à diversidade étnico-racial como um dos pilares pedagógicos do país, sobretudo quando se valorizam a proporção significativa de negros na composição da população brasileira e o discurso social que apela para a riqueza dessa presença.

É importante ressaltar que as leis são decorrentes de uma legislação antirracista que insere, no âmbito da educação, as temáticas étnico-raciais como tentativa de discussão mais ampla na sociedade. Essa discussão não se liga somente à diversidade que está no cerne da formação brasileira, mas também a um amplo espectro de reflexões sobre a forma hierarquizada de como as relações raciais foram construídas no Brasil.

Reconhecer o racismo e a intolerância como dinâmicas das relações étnico-raciais construídas na sociedade brasileira é imprescindível para que as estratégias jurídicas, políticas e educativas sejam pensadas e operacionalizadas em amplo aspecto no sentido de minimizar o

racismo e suas consequências. Essas legislações são consequências de ações que visam não somente discutir, mas também empreender esforços no sentido de combater o racismo no Brasil.

Alguns estudiosos interpretam a palavra racismo de diferentes maneiras, mas, para outros, o racismo e a discriminação possuem o mesmo significado. Cashmore (2000) ressalta que a palavra racismo teve muitos significados e, até o final da década de 1960, a maioria dos dicionários e manuais a definiam como doutrina, dogma, ideologia ou conjunto de crenças. A partir dessa mesma década, a palavra passou a ser usada amplamente para incluir práticas, atitudes e crenças, e, nesse sentido, refere-se a todos os fatores complexos que produzem discriminação.

Desse modo, o racismo é o preconceito, a exclusão social de pessoas com base na cor de sua pele. Também pode ser considerado como uma aversão da sociedade em relação às pessoas negras, tendo como resultado agressões verbais, físicas, perseguições e, até mesmo, a morte, como vemos no conto “Maria”, da autora Conceição Evaristo. Em conformidade com Gomes (2005), o racismo é um comportamento, uma ação resultante de aversão, por vezes de ódio, em relação à pessoa que possui um percentual racial observável por meios de sinais, tais como cor da pele, cabelo e condição financeira.

É importante diferenciar e esclarecer os conceitos de racismo, preconceito e discriminação de acordo com Santos (2015, p. 25):

Racismo: ideologia que postula a existência de hierarquias entre grupos raciais humanos. Conjunto de ideias e imagens vinculadas aos grupos humanos baseados na existência de raças inferiores e superiores. – Preconceito Racial – Uma indisposição, um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos de grupo racial de pertença, etnia, religião. – Discriminação – É o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o gênero, a idade, a orientação sexual, a opção religiosa e outros. A discriminação racial é tida como a prática do racismo e onde o preconceito se efetiva. – Discriminação Racial – pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam.

Portanto, o racismo é a junção e o resultado do preconceito e da discriminação, sendo uma classificação histórica que a humanidade construiu para determinar processos de dominação contra os povos negros. A sociedade em que vivemos é racial e a violência racial está enraizada na cultura e nas instituições sociais dominantes, incluindo o ambiente escolar.

## 4. METODOLOGIA

Para a realização do trabalho aqui apresentado, definiu-se a seguinte proposta metodológica de ensino aplicável aos alunos de 3º ano do Ensino Médio: primeiramente fez-se uma sondagem de campo, com observação de campo; em seguida foi aplicado um questionário de caráter qualitativo que está no item 4.1 cujo objetivo foi definir um perfil dos sujeitos da pesquisa, além de buscar compreender qual o entendimento dos alunos sobre educação antirracista; posteriormente, foram realizadas cinco oficinas entre os meses de maio e junho de 2024. As oficinas foram assim divididas: oficina 1: conhecimento acerca da temática juntamente com aplicação de questionário com os alunos; oficina 2: roda de conversa sobre o conto “Maria”, de Conceição Evaristo; oficina 3: ministração de aula com abordagem da temática (literatura afro-brasileira e relações étnico-raciais); oficina 4: desenvolvimento de atividades pela turma; oficina 5: apresentações das produções e avaliação do impacto das atividades desenvolvidas.

### 4.1 Tipo de proposta

Para a elaboração da proposta, realizou-se pesquisa bibliográfica para a definição das referências teóricas, com base em estudos já elaborados e que circulam em vários veículos de publicação. Esse tipo de pesquisa “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. [...]” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 183).

Na pesquisa bibliográfica foram utilizados artigos científicos, monografias e livros. Além disso, essas pesquisas foram realizadas nas plataformas Google Acadêmico e Scielo, que foram fundamentais para a organização do trabalho. Sabendo disso, a principal base bibliográfica para a construção dessa monografia foi o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, juntamente com o apoio de outros autores, como: Araújo (2021), Evaristo (2009, 2014, 2016), Gomes (2003), Ribeiro (2017), entre outros.

Também foi utilizado o método exploratório, pois, além do levantamento bibliográfico, foram aplicados questionários e atividades com os alunos para obter informações acerca da temática em estudo. Gil (2007) afirma que a pesquisa exploratória é uma metodologia que costuma envolver: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão.

O trabalho se enquadra numa abordagem qualitativa, pois propõe uma análise aprofundada acerca do tema, tendo em vista o contexto da pesquisa. Todos os dados obtidos possibilitaram a apuração de informações que ajudam a responder à problemática deste trabalho, que é: como o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, pode ser utilizado enquanto instrumento didático-pedagógico para auxiliar na construção de uma educação antirracista? Com a aplicação dos questionários na turma do 3º ano do Ensino Médio, no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral, foi obtida parte dos resultados.

A aplicação dos questionários foi umas das ações da pesquisa de campo, que, segundo Gonçalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Nesse sentido, a proposta metodológica desenvolvida na referida escola permitiu a análise das respostas dos estudantes relacionadas às questões raciais e ao preconceito existente em nossa sociedade.

#### **4.2 Campo de aplicação da proposta e público-alvo**

O campo de aplicação da proposta metodológica foi no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral, localizado na Rua Osvaldo Cruz, nº 343, Bairro Nova, Santa Inês. De acordo com informações obtidas durante a pesquisa de campo, essa instituição teve como origem um programa intitulado Escola Nova, pois, na época, o local de funcionamento era na Rua do Flamengo e chamava-se Bandeirante. Além disso, no dia 07 de setembro de 1975, a escola foi inaugurada pelo então prefeito Sr. Otávio Rodrigues de Farias, com o intuito de atender às necessidades da comunidade de Santa Inês.

Em homenagem a uma professora, o educandário passou a ser conhecido como Unidade Integrada Neuza de Carvalho Bastos e teve como primeira diretora a professora Maria Graça Bastos Lobato, que permaneceu no cargo até o ano de 1981. O funcionamento do Ensino Fundamental foi reconhecido somente em 1995, enquanto o Ensino Médio passou a vigorar a partir de 2003.

Posteriormente, foi solicitada uma nova alteração no nome da instituição de ensino. Desta vez, o intuito era homenagear uma professora que trabalhou na educação especial e inclusiva durante muitos anos na escola, e que faleceu em decorrência da Covid-19.



A escola funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Cada sala tem entre 35 e 40 alunos, totalizando 607 estudantes. Em termos estruturais, a escola contém: uma biblioteca, uma sala de recursos, uma diretoria, um laboratório de informática (que atualmente não funciona), um auditório, um pátio descoberto, seis salas de aula, uma cantina, uma dispensa, uma secretaria, uma sala de professores, nove banheiros, uma quadra de esportes. Atualmente trabalham 32 professores, 607 alunos, 01 coordenador de eletivas, 01 coordenadora geral, 01 coordenadora pedagógica, 01 gestora, vigias e zeladores.

O público-alvo corresponde a 31 alunos do 3º ano do Ensino Médio, pertencente à rede pública estadual, na faixa etária de 16 a 18 anos. O estudo proposto tem o intuito de trabalhar o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, como proposta metodológica de promoção de uma educação antirracista na sala de aula do 3º ano do Ensino Médio, no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral.

#### **4.3 Desenvolvimento da proposta**

A proposta se dividiu em cinco ações, voltadas ao ensino da literatura afro-brasileira para uma educação antirracista no campo escolar. Em cada atividade foram ressaltadas as riquezas dessa literatura e o quão importante ela é para a formação da sociedade.

A aplicação da proposta ocorreu entre os meses de maio e junho de 2024, sendo organizada da seguinte maneira: oficina 1: conhecimento acerca da temática juntamente com aplicação de questionário com os alunos; oficina 2: roda de conversa sobre o conto “Maria”, de Conceição Evaristo; oficina 3: ministração de aula com abordagem da temática (literatura afro-brasileira e relações étnico-raciais); oficina 4: desenvolvimento de atividades pela turma; oficina 5: apresentações das produções e avaliação do impacto das atividades desenvolvidas.

## 5. PROPOSTA METODOLÓGICA

Em um primeiro contato com a escola, a investigadora foi bem recepcionada pela direção, que fez a apresentação à professora regente, a qual também aceitou prontamente a proposta e socializou-a com os alunos do 3º ano do Ensino Médio. Logo após, foi feita uma sondagem inicial com turma ao apresentar a eles o objetivo de trabalhar com o conto “Maria”, da escritora Conceição Evaristo, como proposta para a promoção de uma Educação Antirracista na sala de aula. As atividades sugeridas ocorreram durante as aulas de Língua Portuguesa, sempre com a participação ativa da professora regente.

A partir da sondagem de campo, foi possível estruturar o desenvolvimento da proposta antirracista e a aplicação do questionário, que foi impresso em folhas de papel A4 e distribuído para os alunos. Estes, ao receberem, deviam responder a dez perguntas sobre as relações étnico-raciais. Portanto, foi o resultado da análise do questionário que possibilitou a organização das oficinas direcionadas à realidade identificada.

O próximo item trata da análise das respostas do questionário e da elaboração de algumas atividades que resultaram de indagações por parte dos alunos. Uma dessas indagações foi sobre o racismo reverso, que motivou a organização de uma atividade direcionada à discussão dessa temática em específico. À medida que as atividades pensadas nas oficinas iam sendo desenvolvidas, foram organizadas ações direcionadas à realidade e ao contexto da própria turma. Conforme referido, a professora regente estava sempre presente nas oficinas e participava das atividades desenvolvidas em sala de aula, facilitando a interação dos alunos com o que era proposto.

### **5.1 Oficina 1: Conhecendo a temática juntamente com a aplicação de questionário com os alunos**

A primeira oficina aconteceu no dia 7 de maio de 2024. Foi uma etapa introdutória que consistiu na apresentação da proposta metodológica aos estudantes e no convite à participação ativa para o seu desenvolvimento. Os recursos materiais utilizados nessa primeira oficina foram datashow, notebook, internet móvel e questionário impresso em folhas de papel A4 (o qual foi respondido pelos alunos em sala de aula e entregues no mesmo dia). Também foi feita a exibição do vídeo “Ninguém nasce racista. Continue criança”, destinado à mobilização dos alunos acerca do racismo.

Em um primeiro momento, foi contextualizado aos alunos que as atividades seriam realizadas no âmbito da literatura, tendo como objetivo analisar o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. Essa proposta diz respeito à promoção de uma educação antirracista na sala de aula. Para isso, foi relatado que a literatura, principalmente a literatura afro-brasileira, é uma ferramenta indispensável para a discussão das relações étnico-raciais.

Nessa perspectiva, foi explicitado que, no Brasil, a questão racial é um problema histórico e cultural, enraizado em decorrência de um longo processo de escravidão, cujas principais consequências são o racismo, preconceito e discriminação em relação à população negra. Em sequência, evidenciou-se a existência das leis educacionais para as relações étnico-raciais no Brasil, que são, respectivamente, as leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 (Brasil, 2003, 2008). Esses marcos legais tornam-se extremamente importantes para garantir que as culturas indígenas e afro-brasileira sejam trabalhadas e conhecidas no âmbito escolar.

Em um segundo momento foi desenvolvida uma etapa denominada de motivação, cujo principal objetivo foi discutir a temática do racismo com os alunos. Para esse momento foi exibido o vídeo “Ninguém nasce racista. Continue criança”<sup>2</sup>, que é uma campanha reflexiva do Instituto Criança Esperança. O vídeo simula uma audição para atores mirins, na qual as crianças deveriam decorar o maior número possível de frases e contracenar com uma mulher negra. No referido vídeo, as frases que as crianças têm que proferir à atriz são de cunho racista.

No decorrer do vídeo, as próprias crianças consideram a atitude como negativa e não foram capazes de repetir as ofensas raciais que estavam no roteiro. Para desenvolver o debate com a turma, foram feitas as seguintes indagações:

**Quadro 1** - Questionário sobre o vídeo: “Ninguém nasce racista. Continue criança”

<b>Questionário</b>
Qual a temática abordada no vídeo?
Quais palavras e atitudes chamam sua atenção no vídeo?

**Fonte:** elaborado pela autora (2024).

Os alunos não tiveram nenhuma dificuldade em perceber que a temática apresentada no vídeo se tratava do racismo. Durante a discussão sobre o vídeo, a participação de alguns alunos ressaltou que crianças não nascem preconceituosas, porém, o ambiente e a sociedade onde elas

<sup>2</sup> Fonte: NINGUÉM nasce racista, continue criança!!! [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (4min12s). Publicado pelo canal TV Verde – Adhair Guimarães Fogaça (Oficial). Disponível em: <<https://youtu.be/7Iakje0cIQU?si=I2HRBQEEv6onoMLQ>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

vivem e crescem as ensinam a serem racistas. O vídeo aborda crianças de diferentes idades que participam de uma cena que é recorrente no dia a dia das pessoas negras. As crianças tinham dois minutos para decorar o máximo possível de palavras de cunho racistas para dizer à atriz. Percebe-se que, no momento em que o vídeo foi projetado, a turma ficou em silêncio. Alguns alunos ficaram emotivos com a temática do vídeo e uma aluna que estava sentada na frente chorou, pois ela lembrou dos dias que sofreu racismo na sala de aula.

As respostas dadas pelos alunos em sala de aula acerca das palavras e atitudes que chamaram a sua atenção sobre o vídeo foram significativas e reforçaram esse posicionamento ao dizerem: “A frase que induz a ideia de que ninguém nasce racista, a sociedade nos faz ser assim”; a parte que uma menina fala: “Ela é da minha cor, e o cabelo dela é parecido com o meu”; “Eu não consigo falar isso”; “mostra que as crianças têm mais consciência do que um adolescente”.

Diante dos comentários e respostas, compreende-se que o vídeo instigou os alunos a discutir criticamente o racismo e como este está estruturado em nossa sociedade. Durante a participação dos alunos, levantou-se a problemática de que o racismo e o preconceito se aprendem através do convívio social e das referências e contextos em que os indivíduos estão inseridos. A sociedade brasileira teve sua formação calcada em práticas discriminatórias e de exclusão de negros e indígenas, estruturadas sob a égide da escravidão. As instituições sociais, políticas, econômicas e culturais foram alicerçadas sob a perspectiva da negação de negros e indígenas enquanto seres humanos e sujeitos de direitos.

O vídeo também reflete as práticas discriminatórias racistas comuns no cotidiano de muitos brasileiros. A interpretação e análise que os alunos conseguiram fazer apontam para a necessidade de inserir mais atividades que proporcionem uma discussão crítica sobre as questões raciais no Brasil. Para o último momento dessa oficina, ocorreu a aplicação de um questionário com perguntas subjetivas voltadas ao ensino da temática étnico-racial. As respostas serviram para identificar os conhecimentos prévios dos estudantes.

#### **Quadro 2** - Perguntas subjetivas voltadas ao ensino da temática étnico-racial

##### **Questionário**

- 1) Na sua opinião, o que é o racismo?
- 2) Você acha que há diferença entre preconceito e discriminação? Se sim, qual?
- 3) Para você o que é sofrer preconceito racial e discriminação racial?
- 4) Você sabe o que é uma educação antirracista?
- 5) Os professores costumam falar sobre a educação antirracista?

- 6) Você conhece a Literatura Afro-brasileira?
- 7) Já leu alguma obra dessa literatura?
- 8) Você conhece algum escritor que pertence à literatura afro-brasileira?
- 9) Você já presenciou algum ato racista na escola? Descreva como foi.

**Fonte:** elaborado pela autora (2024).

Em relação aos 31 alunos que receberam e responderam ao questionário, as respostas foram analisadas através da utilização da técnica de nuvem de palavras, ou seja, uma representação visual com palavras de diferentes cores e tamanhos para abordar as temáticas desse trabalho. As palavras maiores correspondem aos assuntos que tiveram maior destaque, enquanto as menores são os que foram menos citados. Ademais, assim como a classificação de respostas, buscou-se analisar a recorrência de algumas respostas.

Ao analisar as respostas obtidas, percebeu-se os seguintes pontos: ao serem questionados sobre o que é racismo, foi identificado que todos conseguiram apresentar uma descrição para esse termo ou, pelo menos, demonstraram que entendem o que é o racismo. Dentre algumas respostas, destacam-se: “É um ato de preconceito com a pessoa negra”; “É a pessoa ficar com preconceito por conta da cor da pele e cabelo da pessoa”; “É um certo preconceito com a cor, é quando se fala de pele negra”; “É um ato de discriminação e exclusão por raça e cor”.

No questionamento de diferença entre preconceito e discriminação, na análise das respostas, identificou-se que os alunos tiveram dificuldade na distinção dos dois termos, e poucos apresentaram respostas: “Preconceito é o que as pessoas pensam, mas não falam e discriminação é quando a pessoa pratica o preconceito”; “Preconceito é um ato desrespeitoso com alguém e discriminação é quando certas pessoas não têm os direitos iguais aos outros”. Também foram apresentadas respostas que negavam essa distinção, como: “Discriminação e preconceito são o mesmo, porque quem sofre preconceito é discriminado da sociedade”; “Não existe diferença”.

Na pergunta sobre o que é sofrer preconceito racial e discriminação racial, destacaram-se as seguintes respostas: “Preconceito racial é uma visão que a pessoa faz da pessoa negra sem pelo menos conhecer, já dizem que é malandro ou ladrão e discriminação racial é a pessoa negra não ter os mesmos privilégios”; “É ser criticado e atacado pela sua cor”; “É ser insultado e desrespeitado pelo que somos e não ter os mesmos direitos que outras pessoas têm”. Diante das respostas, percebe-se que todos os alunos compreendem indiretamente a diferença entre os termos (preconceito e discriminação) apresentado na pergunta anterior.

Ao responderem aos questionamentos relacionados à educação antirracista, todos os estudantes apresentaram uma definição que expressa uma compreensão positiva do termo. Dentre algumas respostas, ressaltam-se: “É meio que ensinar a pessoa que o racismo é crime”, “Uma educação sobre como isso afeta a população negra”; “Uma educação contra o racismo, que ensina a não praticarmos o racismo”; “É ensinar que somos todos iguais e nunca julgar alguém pela cor”. Entretanto, a turma aponta em suas respostas que os docentes não discutem sobre essa educação na sala de aula: “Desde o fundamental até o médio não lembro de nenhum professor falar sobre isso”; “Não, somente no dia da consciência negra”; “Não existe uma matéria voltada sobre isso”.

Para as perguntas referentes à literatura afro-brasileira, quanto ao conceito, obras e autores, identificou-se o seguinte conjunto de respostas que afirma a ausência dessa literatura na sala de aula: “Não, mas pretendo conhecer”; “Já ouvi falar; já li, porém não lembro o nome do escritor e nem o nome de sua obra”; “Sim, mas não sei se faz parte dessa literatura”; “Sim, apenas uma, não se ouve falar muito apesar de ser necessário”; “Talvez, mas no momento não me recordo”.

Em relação à questão de terem presenciado algum ato racista na escola, alguns estudantes negaram em suas respostas, outros estudantes relataram um episódio específico que aconteceu no ano passado com uma estudante da escola que utilizava o ônibus escolar: “Já aconteceu um ato racista dentro do ônibus escolar com uma garota aqui da escola;” “Sim, com uma menina do ônibus”; Sim teve um caso que aconteceu no ano passado, dentro do ônibus jogaram maizena na cabeça da menina por ela ser negra”; “Sim, jogaram maisena na menina e chamaram ela de macaca”; “Pessoalmente não. Porém aconteceu um ato racista dentro do ônibus escolar, jogaram maisena na menina e chamaram ela de macaca”.

Foram ainda identificadas respostas que afirmam a vivência do preconceito racial, porém descrito com irrelevância: “Sim, mas não foi algo pessoal entre as duas pessoas, tanto que a pessoa que sofreu o ‘racismo’ sorriu e brincou também”; “No sério não, mas sempre tem aquelas brincadeiras de mau gosto”; “Sim, uma menina chamou o menino de pretinho de merda e que ele não era para estar ali junto dela pois, negro não frequenta os mesmos lugares que os brancos”.

Ainda sobre essa questão, também foi identificado o relato de algumas estudantes que confirmaram ter sofrido uma atitude racista: “Uma colega de classe falou do meu cabelo e da minha cor, me senti envergonhada depois da fala dela”; “Sim, uma pessoa falou do meu cabelo, do jeito que eu usava”; “Sim, por conta do meu cabelo cacheado, falavam coisa horríveis até

que comecei a alisar”; “Sim, sofri racismo na minha escola antiga, um menino falou para mim que lugar de macaco era na selva e disse que eu era uma preta feia”.

Diante do conjunto de respostas, foi constatado que há uma certa insegurança em responder à questão, tendo em vista a complexidade de se discutir a temática racial em qualquer esfera social. As negações e as afirmações dos alunos nos remetem a uma reflexão que o racismo é naturalizado e incorporado no nosso cotidiano como algo normal e tratado como “brincadeira”.

Para Moreira (2019, p. 60), “O humor racista, ao mesmo tempo que permite a expressão da hostilidade racial, também possibilita a reprodução de estigmas destinados a afirmar a identidade branca como expressão da superioridade moral”. Essas “brincadeiras” são manifestações racistas e discriminatórias que, ao mesmo tempo, permitem a estigmatização dos negros e fomentam as relações de poder, favorecendo os brancos na estrutura social.

## **5.2 Oficina 2: Roda de conversa sobre o conto Maria**

A segunda oficina ocorreu no dia 14 de maio de ano e teve como objetivo abordar com os alunos sobre a vida da autora Conceição Evaristo, ressaltando a sua importância para a literatura afro-brasileira. Salientou-se que é uma autora negra e que sua escrita possui uma linguagem simples, espontânea e que traz o negro como protagonista. Ela retrata o cotidiano da população negra, os preconceitos e discriminações que são enfrentados no âmbito social, cultural e político.

Vale destacar que o conto “Maria” foi enviado no grupo da turma, para que eles lessem o texto no decorrer da semana. Nessa oficina, os alunos utilizaram os seus celulares para a leitura compartilhada com a turma. A professora estava presente sempre e atenta na atividade desenvolvida em roda de conversa. Nesse dia estavam presentes 27 estudantes. No final da atividade foi passado um “quizz.com” com sete perguntas relacionadas ao conto “Maria”, que resultou na premiação para quem ganhou em primeiro lugar.

Em seguida, num segundo momento, ocorreu a leitura partilhada do conto “Maria”, para que os alunos compartilhassem suas impressões, críticas e reflexões acerca do texto. Esse momento teve como objetivo analisar se os alunos conseguiriam identificar elementos culturais, históricos e afro-brasileiros presentes no conto e que podem contribuir para uma discussão da temática racial. Assim, para motivar os alunos em relação à discussão do texto, foram feitas algumas perguntas, como, por exemplo:

**Quadro 3** - Perguntas sobre o conto “Maria”**Questionário**

- a) Qual a principal mensagem do conto?
- b) O que você sentiu ao ler esse conto?
- c) Na sua opinião, se a personagem Maria fosse branca ela teria sofrido violência verbal e física ocasionando sua morte?
- d) Se você fosse autor (a) do conto qual final você daria à personagem?

**Fonte:** elaborado pela autora (2024).

Em relação ao texto, os alunos não tiveram nenhuma dificuldade em perceber a verossimilhança da realidade e da ficção contida no conto. A maioria dos alunos durante a discussão destacou que o conto é uma denúncia à dura realidade sofrida pelas pessoas negras por conta do racismo e que a protagonista retrata várias mulheres que vivem as mesmas condições excludentes e extremamente desiguais na sociedade brasileira. As respostas foram as seguintes: “Esse conto é uma denúncia sobre o racismo, pois Maria morreu por causa dele”; “Maria mim lembra das outras mulheres negras que sofre na sociedade brasileira”; “Nossa que tristeza é a vida de Maria, além de sofrer racismo no ônibus pelo povo, ela foi espancada até a morte sem ter o direito de se defender”.

Um aspecto relevante na interpretação de alguns alunos e evidenciada na discussão foi a condição de trabalho vivido por Maria. Eles evidenciaram as injustiças que a mulher negra está submetida em nossa sociedade por conta do preconceito racial. Comentaram que o trabalho doméstico é uma profissão majoritariamente ocupada por mulheres negras, que são vítimas da precarização de trabalho, mal remuneração e exploração, circunstâncias que as levam muitas vezes, como a personagem do conto, a trabalharem somente em troca de comida: “Eu achei injusto o pagamento de Maria, ela trabalhava por troca de comidas para alimentar os seus filhos”; “Nesse conto dar para perceber que o trabalho doméstico é desvalorizado”; “Essa patroa da Maria é exploradora de mão de obra, e ainda hoje existe patrões que exploram os seus funcionários, principalmente as empregadas domésticas”.

Esses comentários deram margem para a discussão da condição da mulher negra no mundo do trabalho, que, de acordo com Santos *et al.* (2017, p. 6):

As mulheres negras são a parcela mais pobre da sociedade brasileira. No mercado de trabalho elas possuem as condições de trabalho mais precárias, tem os menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego. Em grande maioria ocupam cargos inferiores, subalternos, desvalorizados, com baixos salários, devido à pouca qualificação profissional por falta de oportunidades, têm maior dificuldade de completar a escolarização, além de possuir chances ínfimas de chegar a cargos de direção e chefia que refletem a baixa qualidade de vida social.



Outro aspecto relevante no conto, identificado pela turma de forma superficial, foi o patriarcado, quando o aluno disse o seguinte: “O homem lascou um tapa na cara de Maria, que autoridade é essa que ele pensa que tem? Isso demonstra o quanto as mulheres negras sofrem por causa desse tipo de pessoa autoritária”. Durante o debate, o trecho citado gerou uma discussão entre os alunos que apontaram que Maria, além de sofrer o racismo, também é vítima do machismo. As relações de dominação, um tipo estruturado nas relações sociais de gênero construídas no Brasil, são alicerçadas no autoritarismo que constitui as relações em nossa sociedade.

Nessa oportunidade, salientou-se esse comentário para destacar o status social da mulher negra. Seguindo as reflexões da filósofa Djamila Ribeiro (2017, p. 23), ela enfatiza que, na hierarquia social, “as mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade”.

Durante a discussão, também veio à tona que os homens negros são afetados por essa classificação social, pois “são vítimas do racismo e, inclusive, estão abaixo das mulheres brancas na pirâmide social” (Ribeiro, 2017, p. 24). Esse fato era recorrente em representações cinematográficas nas novelas em nosso país, tendo em vista que a marginalidade e os serviços árduos nas fazendas eram representados por homens negros, reforçando esse estereótipo.

Vale referir que a hierarquização da sociedade brasileira não está categorizada apenas em gênero, mas também em termos raciais, deixando a mulher negra na base e subordinada aos poderes dentro da estrutura social. Na tentativa de analisar o que alunos achavam sobre o status social submetido à mulher negra, questionou-se: se a personagem Maria fosse branca, ela teria sofrido violência verbal e física, ocasionando a sua morte?

A resposta da turma foi um unânime “não”. Os alunos alegaram que Maria somente sofreu violência por sua cor de pele e porque “as outras pessoas pensavam que ela era da gangue assaltante”. Esse comentário foi significativo para confirmar como os estereótipos físicos e sociais do negro estão consolidados no discurso e imaginário dos alunos, estigmatizando automaticamente a população negra à vida bandida.

A última pergunta de análise do texto foi “se você fosse o autor do conto, qual o final que daria à personagem?”. Após as respostas mais variadas possíveis sobre “um final feliz para Maria e seus filhos”, a resposta de dois alunos enfatizou a importância de permanência do mesmo final: “não mudaria o final, porque o intuito de escritora Conceição Evaristo era mostrar a realidade brasileira”; “não, pois o impacto que o conto causa pode conscientizar as pessoas”.

Essa oficina foi fundamental para o propósito inicial desta proposta metodológica. A roda de conversa com o conto “Maria” confirmou a percepção em relação à relevância do uso da literatura afro-brasileira como um recurso estratégico para a difusão da discussão da temática racial na sala de aula da Educação Básica.

A discussão do conto e o debate com os alunos possibilitou em suas interpretações e análises a identificação e a problematização de elementos históricos e socioculturais que estão hierarquizados em nossa sociedade, considerados causas e consequências do racismo. A promoção de debates como este em sala de aula pode, por sua vez, ajudar a romper com a barreira da desigualdade racial e de outras formas de exclusão que são provenientes dela. Para concluir a oficina, como última atividade, foi elaborada uma dinâmica com o “quizizz.com”, um jogo interativo com desafio de perguntas e respostas objetivas baseadas no conto “Maria”.

A atividade de sete questões com perguntas objetivas foi organizada na plataforma “Quizizz” e os alunos tinham que responder às questões em sala de aula com o uso do celular. O código para acessar à atividade foi enviado no grupo da turma. Todos os alunos participaram do Quizizz, inclusive a professora. As perguntas elaboradas para o “Quizizz” foram as seguintes:

#### Quadro 4 - Perguntas do Quizizz

**1. Quem é a autora do conto Maria?**

- a) Conceição Evaristo
- b) Evaristo Conceição
- c) Conceição Evaristo

**2. O que Maria levava em sua sacola para a sua casa?**

- a) Pano de prato
- b) As sobras de comidas
- c) Nenhuma das alternativas

**3. Qual das frutas Maria relata que os seus filhos nunca tinham comido?**

- a) Melancia
- b) Uva
- c) Melão

**4. Esse conto faz parte de qual livro?**

- a) Olhos da'agua

b) Olhos d'água

c) Olhos d'água

**5. Qual era a profissão de Maria?**

a) Empregada doméstica

b) Enpregada doméstica

c) Empregada domestica

**6. De qual lugar a personagem estava voltando?**

a) Da rua

b) Da casa de seus pais

c) Do seu serviço

**7) Qual era a relação de Maria com o assaltante?**

a) Irmão

b) Seu pai

c) Pai de seu filho

**Fonte:** elaborado pela autora (2024).

A maioria dos estudantes conseguiu responder às perguntas certas, porém, somente um aluno ganhou a caixa de doces, pois foi o único que conseguiu responder à atividade em menos tempo. Essa atividade fez com que a turma ficasse um pouco agitada, pois todos queriam ganhar o prêmio. Eles relataram que era a primeira vez que estavam respondendo à atividade em uma plataforma online.

### **5.3 Oficina 3: Ministração de aula abordando a temática: literatura afro-brasileira e relações étnico-raciais**

Já no dia 21 de maio de 2024, foi desenvolvida a terceira oficina, cujo objetivo foi desenvolver um seminário educativo sobre a literatura negra e as relações étnico-raciais. Em um primeiro momento, com a exposição de slides apresentando um breve panorama histórico e cultural dessa literatura, obras literárias e escritores negros, os temas abordados instigaram os alunos a conhecer a função social e a representatividade que a literatura negra tem para sociedade brasileira. Esse tipo de literatura luta contra a discriminação racial e a desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Os recursos materiais utilizados nesta terceira oficina foram datashow, notebook, internet e slides. A aula foi desenvolvida de forma interativa para que todos participassem a respeito do conteúdo transmitido. Utilizou-se o autor Munanga como referência principal, mas com o aporte de outros autores.

Logo após, num segundo momento, foi feita uma reflexão acerca das relações étnico-raciais, que consistia no entendimento de alguns conceitos básicos, como etnia, raça, racismo, preconceito e discriminação. Munanga (2003) conceitua etnia como um conjunto de indivíduos que, historicamente, possui um ancestral comum, tem uma língua em comum, uma mesma religião, uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. Ainda de acordo com Munanga (2003), o termo raça relaciona-se às características morfológicas e biológicas que diferenciam os grupos de indivíduos, mas não possui uma base científica sólida para a classificação de raça superior e inferior.

A partir disso, foi explicado para a turma que o termo racismo surgiu a partir das teorias científicas da racialidade, criadas e sustentadas desde fins do século XIX pela branquitude científica. Foi somente no século XXI, mais precisamente no início dos anos 2000, que recentes descobertas genéticas conseguiram refutar as teorias raciais, em particular a ideia da eugenia (raça pura), que perdurou durante um longo tempo e resultou nas teorias raciais que defendiam a perspectiva de que as raças poderiam ser puras.

Contudo, o racismo científico, mesmo com todo o avanço, já havia deixado seu funesto legado ao consolidar socialmente o conceito de raça, colocando coletivamente os definidos racialmente enquanto pertencentes à “raça” branca como aqueles que pertenceriam ao topo da pirâmide social. Sobre isso, Munanga (2003, p. 12-13) afirma que:

[...] essa substituição não muda nada à realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, O racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intacto.

Após a discussão sobre o conceito de raça e racismo, além de sua consequência social, tratou-se sobre a definição e distinção dos termos preconceito e discriminação, que, segundo Notari (2019), autor que apoiou a discussão em sala, preconceito pode ser definido como “o agir precocemente”, um julgamento errôneo, sem qualquer justificativa ou ponderação. Além disso, também foi utilizada a perspectiva de Siqueira e Kassem (2021), que relatam que a

discriminação pode ser conceituada como uma conduta por ação ou omissão que, de alguma forma, viola os direitos de alguém, seja por motivos de raça, idade, orientação sexual etc.

Também foi abordado que o racismo é uma ideologia que se efetua quando a negritude é discriminada toda vez que o preconceito racial é exteriorizado em forma de discursos de ódio e de qualquer outro ato que coloque o negro em um lugar de subalternidade e subserviência.

Posteriormente, houve uma discussão com os alunos sobre a desmitificação da expressão Racismo Reverso, temática apontada na oficina anterior através de um comentário de uma aluna que citou o caso de “uma jovem branca que estava sendo vítima de racismo por usar tranças “Nagô”. Pelo comentário, a aluna, provavelmente, acreditava que a pessoa branca também é afetada pelo racismo, ou seja, que há o racismo reverso. Com isso, foi necessário abordar sobre esse conceito que descreve supostos atos de discriminação e preconceito racial, partindo dos negros contra os brancos.

Ribeiro (2017) destaca que o racismo é um sistema de opressão, baseado em uma construção histórica com o intuito de dominação. Sua existência só ocorre quando existem relações de poder. Dentro da nossa estrutura social, os negros não possuem poder, logo, não podem ser racistas. Assim, para a filósofa, para haver racismo reverso, deveria ter existido navios branqueiros, escravização dos brancos e negação de direitos a esse grupo racial.

Nas teorias raciais, inclusive as que foram socialmente incorporadas nas relações sociais brasileiras, a perspectiva é que as diferenças raciais são hierarquizadas e que, nesse contexto de hierarquização, o branco está no topo da pirâmide, posicionado enquanto aqueles que se autointitulam como superiores tanto nos aspectos fisiológicos quanto nos políticos, econômicos, culturais e sociais. Foram os brancos que desenvolveram, dentro de um processo de colonização, um sistema escravocrata no qual os negros e, também, os indígenas foram colocados de forma inferiorizada, desumanizada e coisificada. Racismo reverso não existe numa sociedade construída sob a égide da ideia de superioridade daqueles que se consideram da raça branca e que definiram que negros e indígenas são inferiores quando colocadas as questões raciais.

Quando se questiona o uso de características específicas da cultura afro-brasileira por pessoas brancas, coloca-se em xeque todo um sistema que nega o sujeito negro em suas características específicas, atribuindo ao indivíduo de cor branca a perspectiva de que ele pode, inclusive, se apropriar de características que, durante muito tempo, foram inferiorizadas e estigmatizadas. A reflexão mais importante nesse sentido é entender que adornos e tranças de uso de origem africana, em negros, durante muito tempo foram utilizados como elementos estigmatizantes; já em pessoas brancas é considerado um enfeite.

A crítica que o movimento negro faz com relação a esse tipo de apropriação é que estas são características demarcadoras de uma cultura de resistência, e não um mero adorno.

#### 5.4 Oficina 4: Desenvolvimento de atividades pela turma

Após a realização das oficinas anteriores, que consistiram na apresentação da proposta metodológica, no dia 28 de maio de 2024, foi salientada a relevância da literatura afro-brasileira, a valorização do cidadão negro na sociedade e a importância da educação e das relações étnico-raciais para o combate do preconceito racial. Julgou-se fundamental o desenvolvimento de uma oficina de atividades produzidas pela turma como feedback do conteúdo ministrado, propondo, assim, uma avaliação da aprendizagem.

Nessa oficina, a turma ficou responsável pela elaboração de um “caderno antirracista”. A construção desse caderno foi realizada a partir de produções textuais, tais como literatura de cordel, paródias, poemas, esquetes, redação, com base no conto “Maria” e na obra “Pequeno Manual Antirracista”, da autora Djamila Ribeiro (2019). Essas atividades foram desenvolvidas a partir dos seguintes pontos:

##### Quadro 5 - Perguntas sobre o conceito e percepção do racismo

<p>Como você observa o racismo atualmente?</p> <p>Qual a importância de debater sobre o racismo?</p>
--

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Para o primeiro momento desta oficina, foram trabalhados os primeiros capítulos do livro “Pequeno Manual Antirracista” (Ribeiro, 2019), que são, respectivamente: Informe-se sobre o racismo; Enxergue a negritude; e Reconheça os privilégios da branquitude. Nessa etapa foram abordados alguns trechos de cada capítulo com o intuito de recapitular toda a temática trabalhada na nossa proposta metodológica. Considerando os assuntos discutidos pela autora nessa obra, informar-se sobre o racismo é a melhor forma de combatê-lo. O racismo é algo que está internalizado e deve ser combatido a todo momento, já que se vive numa sociedade racista.

Ademais, enxergar a negritude é mostrar que a população negra tem um lugar de fala social, e a literatura afro-brasileira pode ser um desses lugares sociais que dão voz à valorização da cultura do negro e da luta antirracista. Portanto, reconhecer os privilégios da branquitude é enfatizar que pessoas brancas precisam entender o porquê estão localizadas nesse lugar social

cheio de privilégios, além de reconhecer seu posicionamento social para o combate do racismo. Essa luta não é somente responsabilidade do negro.

O segundo momento da oficina foi dividido em duas etapas: duas aulas em semanas seguidas, cada uma contendo 50 minutos. Essa divisão ocorreu para que os alunos tivessem um momento para melhor expor suas ideias e discutir sobre a temática, haja vista que a produção de um texto é um processo que demanda tempo e dedicação, além de um certo domínio tanto da língua portuguesa quanto do tema a ser discutido. O estudante precisa adentrar nessa atividade de escrita, num percurso de reflexão, para mobilizar o seu repertório com as suas novas fontes de informações.

Diante disso, a turma se organizou em pequenos grupos na sala de aula, de modo que cada grupo ficasse responsável por um gênero textual. No entanto, entre as atividades destacadas, as que mais chamaram a atenção dos alunos foram a paródia e o poema. Assim, considerou-se que cada grupo elaborasse uma paródia e, individualmente, cada aluno produzisse um poema. Diante das observações realizadas nesse momento de produções dos alunos, foram poucos os alunos que produziram a atividade solicitada. Dos 29 estudantes presentes, seis produziram o poema e somente um produziu a paródia.

Acerca das dificuldades que os alunos tiveram ao produzir os textos sobre a temática abordada, foi perceptível que alguns estudantes não estavam levando a sério as atividades desenvolvidas por eles. Contudo, alguns tinham dificuldades na escrita, apresentando erros de português. Além disso, um dos fatores que influenciou negativamente foi as conversas paralelas, além da quantidade de alunos em sala, dificultando a concentração.

Alguns alunos também utilizaram produções da internet e não autorais, ou seja, o plágio foi um elemento identificado na escrita de alguns estudantes. Outro fator que dificultou a finalização das produções diz respeito à utilização do momento da oficina para o desenvolvimento de atividades de outras disciplinas, tendo em vista que o período de provas se aproximava.

Mesmo com essas especificidades, as atividades foram desenvolvidas e a análise das produções textuais confeccionadas pelos estudantes será agora destacada. Ressalta-se que, para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, optou-se pelo uso de codificação, tal como exposto no decorrer do trabalho, por isso, os produtores dos poemas vão ser identificados deste modo: estudante 1, estudante 2, estudante 3, estudante 4, estudante 5, estudante 6 e estudante 7. Vale mencionar que estas produções foram feitas no contexto da penúltima oficina realizada na turma.

**Quadro 6** - Produção da estudante 1: Poema - Resistência

Poema – Resistência

Ser negra é ter que lutar sempre por direitos  
Defender o que eu vivo e conheço  
Sempre tendo que passar por preconceito  
Sendo acusada de furto pelo meu jeito  
Pessoas doentes, racistas  
Chegam a me maltratar  
Ou me matar achando que vou roubar  
Sendo que só quero meu lugar  
Ser tratada igualmente  
Mesmo sabendo que sou diferente  
Com as minhas qualidades  
Sou importante para muita gente  
Que conhece o meu valor  
Por causa de quem eu sou  
E da minha resistência  
Sou forte, mulher linda negra  
Guerreira e trabalhadora  
Só quero garantir o meu sucesso  
Conquistar o que eu quero  
Ter meu próprio mérito  
Sem pisar ou passar por cima de ninguém.

**Fonte:** Estudante 1 (2024).

Como se pode observar, o poema está escrito em primeira pessoa, já que a estudante se posiciona como vítima do racismo. O poema também apresenta o roteiro de atividade proposta, pois a estudante traz sua visão crítica e realista de como ela no lugar de pessoa negra, pois sofre o preconceito e a discriminação racial em nossa sociedade nos dias atuais.

Além disso, é observada a própria aceitação pela autodeclaração da parte da estudante em relação à sua negritude. Constata-se essa ideia pelo título do poema “resistência” e nos versos “por causa de quem eu sou/e da minha resistência/sou forte, mulher linda negra/guerreira e trabalhadora”. Essas evidências confirmam que a autora assume a sua descendência e sua cultura a torna forte e resistente para lutar contra a sociedade racista. Abaixo tem-se mais uma produção:



**Quadro 7** - Produção do estudante 2

Só de lembrar começo a chorar  
 Por isso venho aqui falar  
 De um povo que ainda sofre muito  
 Que nem dá para explicar

Um povo que luta muito  
 Pela igualdade nesse mundo  
 No trabalho poucos são aceitos  
 Por causa de tal preconceito  
 Peço a Deus que tudo melhore  
 E que esse povo nunca mais chore

**Fonte:** Estudante 2 (2024).

Nesse poema, verifica-se que o estudante discorre sobre o tema superficialmente, explicitando a dificuldade do povo negro na sua vivência em sociedade ao evidenciar os diversos obstáculos que passam para poder conquistar igualdade em diversas áreas, como, por exemplo, na questão empregabilidade. Além disso, o estudante pede pelo fim do preconceito, amparando-se em seus preceitos religiosos ao utilizar o nome de “Deus”. O intuito é dar fim a todo esse sofrimento racista na sociedade. Aqui há mais um poema produzido:

**Quadro 8** - Produção do estudante 3

Racismo palavra que só de uma pessoa negra ouvir  
 Ela que fugir dali,  
 Pois tem medo de alguém lhe machucar  
 Com chutes ou com palavras agressivas.

O racismo é algo terrível  
 Pois carrego comigo experiências negativas  
 Que vou levar para sempre em minha vida.

Com o racismo vem o preconceito  
 Outra coisa que vejo que tem vários defeitos  
 E não deveria existir  
 Mas fazer o que se já está aqui  
 O que resta é lutar para ver se um dia isso vai acabar.

Dias a dias lutando contra algo insano  
 Que traz raiva, ódio e tristeza  
 Mas com muita garra e leveza  
 Vamos conseguir nos livrar até o fim  
 De algo que para nós negros faz tanto mal.

**Fonte:** Estudante 3 (2024)

Como se verifica na primeira estrofe do poema, o estudante descreve o medo que a pessoa negra vivencia por conta do racismo: “pois tem medo de alguém lhe machucar com chutes/ou até mesmo com palavras agressivas”. Na segunda estrofe, afirma ser vítima do racismo, enfatizando o sofrimento que carrega em virtude do preconceito racial que o exclui e marginaliza: “o racismo é algo terrível/pois carrego comigo experiências más vividas”. Na terceira estrofe, o estudante faz uso da expressão “fazer o que” para designar uma perspectiva pessimista em relação à situação vivida pela população negra dentro da sociedade brasileira. No entanto, na quarta estrofe, expressa um sentimento de esperança ao pensar em uma sociedade livre do racismo.

A próxima produção tem como título “Sonho de Liberdade, mas que tira a capacidade de viver”.

**Quadro 9** - Produção da estudante 4: Poema - Sonho de Liberdade, mas que tira a capacidade de viver

Sonho de liberdade, mas que tira a capacidade de viver

Até quando vai continuar o preconceito de cor?  
 Tantos racistas para criticar sem conhecer o verdadeiro valor  
 E o interior da pessoa negra  
 Que só pelo olhar dá para perceber o preconceito no ar!  
 Mas quando isso aconteceu? Por que isso não tem fim?  
 E Maria, por que não teve um final feliz?  
 Já que era uma mulher trabalhadora, honesta e guerreira  
 Saiu de seu trabalho cansada sem direito de ganhar  
 Por aquilo que até fez sua mão sangrar  
 Sem maldade no coração e com o corte na mão,  
 Só queria chegar em casa e ver a reação  
 Dos seus filhos comendo pela primeira vez melão.  
 Não imaginara o que tinha de esperar no ônibus

Nem passara pela sua cabeça que um assalto ia começar  
 Percebeu que havia um conhecido, era o pai de um de seus filhos,  
 Mas antes disso pensou, será que vão me roubar?  
 Maria não tinha nada de valor a entregar  
 Em suas mãos tinham sacolas com resto de comida,  
 Será que vão levar?  
 Todos que estavam ali tiveram suas coisas furtadas  
 Menos Maria, mulher negra, que foi chamada de ladra.  
 Acusada injustamente, sem alguém para ajudar.  
 Maria, pois a se defender  
 Mas o povo branco que ali havia começou lhe agredir.  
 Por que a voz de uma pessoa negra não foi atendida?  
 De repente se vê em casa com seus filhos e fala: aqui está o melão.  
 Falou para seu primogênito, papai mandou um beijo  
 Infelizmente aquilo não se passara de uma ilusão!  
 Por que ela passou por isso?  
 Será que fosse branca isso também teria acontecido?

**Fonte:** Estudante 4 (2024).

No texto, a estudante reconta a história de Maria em forma de poema. Para a construção do texto, além de expressar a sua interpretação acerca do conto, brincando com a combinação de sons semelhantes das palavras, percebe-se que a estudante expõe um olhar crítico por meio das seguintes perguntas: “Até quando vai continuar o preconceito de cor/ Por que a voz de uma pessoa negra não foi atendida? /Será que fosse branca isso também teria acontecido?”. Desse modo, possibilita ao leitor uma reflexão sobre a temática racial apresentada no texto, que reforça os estereótipos enfrentados pela população negra no dia a dia: de incapaz, marginal.

Por conseguinte, apresenta-se o poema “Sonhos que nunca morrem”:

**Quadro 10** - Produção da estudante 5, poema “Sonhos que não morrem”

Sonhos que não morrem

Tão belo e tão cansado da sociedade  
 Pirâmides raciais os dizendo onde estar  
 Quem deve ser e como se comportar  
 Tentando incansavelmente se libertar

Pessoas cegas de consciência  
são incapazes de os amar  
Eles não enxergaram mesmo  
Se colocasse  
Minha dor sobre um microscópio  
Racismo é a base de sua construção  
Não veem que isso será sua destruição?  
Ainda posso ouvir o som das aves me acordar  
Um novo dia uma chance de recomeçar  
Serei a voz que clama por socorro  
A espada cortante que revela a verdade  
Serei a luz que mostra que simplicidade  
E assim seremos nós livres da maldade  
Em meio a tanta futilidade  
Ainda se pode encontrar  
Um sonho sincero amor mais singelo  
A beleza de acreditar  
Tentaram nos calar  
Se pode controlar  
Diga, caro leitor, quem pode um sonho matar?

**Fonte:** Estudante 5 (2024).

No poema acima, a estudante faz um desabafo sobre o racismo, que é um problema associado à sociedade e enraizado em seus princípios, mas que não se sabe ao certo a quem a culpa deve ser atribuída. O poema é concluído com o verso: “Diga, caro leitor, quem pode um sonho matar? O Estudante 5 deixa essa indagação para que os leitores reflitam que, por mais que povo negro tenha sido aprisionado e maltratado, suas almas são livres para sonhar e que os seus sonhos nunca morrem. Além disso, o sujeito demonstra sua dor ao relatar que o branco nunca saberá o que o povo negro enfrenta perante a sociedade. Contudo, enfatiza que não precisa ser negro para lutar contra o racismo, pois, para fazer a diferença, cada um deve fazer a sua parte.

Em outra produção, intitulada “Racismo”, o Estudante 6 também traz questões acerca do preconceito e discriminação:

**Quadro 11** - Produção do estudante 6, poema “Racismo”

Racismo

Muitos falam sobre isso  
Mas poucos podem entender  
Racismo destrói vidas não é só ofender.  
Palavras vazias podem se tornar depressão  
e com uma simples frase adoce o coração  
Remédios pra alma são difíceis de encontrar  
Uma vez que acontece é difícil se curar  
Séculos se passaram e ainda há manipulação  
distorcendo a verdade  
Desfazendo a escravidão  
ainda sentimos a dor do chicote  
somos abandonados sem um tipo de suporte  
Entre leis nunca cumpridas  
E proposta de erradicação  
se encontra mais um negro inocente  
sendo jogado na prisão  
Entre favela e subúrbios  
vivendo a triste realidade  
Mas sem desistir de suas naturalidades  
Somos negros e desfavorecidos  
Mas estamos muito além da singularidade  
A esperança tão falada nos tocou  
Esperança que a sociedade descubra o amor

**Fonte:** Estudante 6 (2024).

Por meio da leitura desse poema é possível observar questões sobre o racismo, desde um contexto histórico específico até o que ainda precisa ser falado, pois nem todos conhecem o real significado do preconceito racial. Por conta disso, há uma distorção da realidade à nossa volta, pois as leis não são cumpridas na prática. Além desses aspectos, pode-se observar no poema que o preconceito acaba acarretando doenças como a depressão. Contudo, enfatiza-se, no final do último verso, que os negros são a população que mais vive abaixo da pobreza, tendo conseqüentemente pouco acesso à saúde, educação, segurança etc.

Sabendo disso, abaixo há um desabafo em forma de paródia, que é de extrema importância à reflexão proposta neste trabalho:

**Quadro 12** - Paródia que traz reflexões sobre o racismo da estudante 7

Não é sobre pegar uma pessoa negra e começa a insultar
É sobre saber o seu valor e a respeitar
É sobre ser amigo e compreender diversas situações
É sobre esquecer o passado escuro e formar uniões
Diferença não é uma doença
Pegue o amor e transforme em essência
E comece a respeitar.
E então fazer valer apenas
Cada lágrima de cada poema
Antirracista que pode recitar

**Fonte:** Estudante 7 (2024).

E, finalmente, chegamos à paródia. A partir dela, a estudante ressaltou o respeito que se deve ter com a pessoa negra, tendo em vista que os autores negros seguem escrevendo para que a sua trajetória histórica seja compreendida e a cultura negra fortalecida, mas sem esquecer o passado escuro que remete ao racismo e a discriminação. Afinal, é preciso enxergar o povo negro com a sua identidade social. Por isso, a estudante finaliza a oficina com o texto “Antirracista que puder recitar”, que significa um manifesto, um chamado à luta.

### **5.5 Oficina 5: Apresentações das produções e questionário**

Por fim, no dia 18 de junho de 2024, como encerramento deste trabalho em sala de aula, foi desenvolvida a última oficina, dividida em dois momentos: no primeiro, os alunos responderam a um novo questionário de oito questões com a finalidade de saber se eles ainda mantinham as opiniões sobre as relações étnico-raciais do primeiro questionário, aplicado no início da pesquisa; no segundo momento, foram realizadas as apresentações dos seis poemas e de uma paródia.

Ao finalizar as apresentações, houve a premiação para os alunos que se destacaram durante a pesquisa: aluno 1 e aluna 2. A premiação correspondeu à entrega de lembrancinhas em forma de agradecimento pela colaboração e participação do alunado e da professora.

**Quadro 13** - Perguntas subjetivas voltadas ao ensino da temática étnico-racial e da avaliação do impacto das atividades desenvolvidas

Questionário
1) Na sua opinião, o que é o racismo?
2) Você acha que há diferença entre preconceito e discriminação? Se sim, qual?
3) Para você o que é sofrer preconceito e discriminação racial?
4) Você já presenciou algum ato racista na escola? Descreva como foi.
5) Você sabe o que é uma educação antirracista?
6) Você conhece a Literatura Afro-brasileira?
7) Já leu alguma obra dessa literatura?
8) Você conhece algum escritor que pertence à literatura afro-brasileira?

**Fonte:** elaborado pela autora (2024).

Para a primeira pergunta, os estudantes responderam o que compreenderam da pergunta o que é racismo. Praticamente todos deram a mesma resposta: “racismo é quando a pessoa julga o outro pela cor da pele”; “É julgar o povo negro”; “É desrespeitar uma pessoa por ser negra”; “Para mim racismo é quando alguém trata mal a outra pessoa por ter o tom de pele diferente, o cabelo diferente”; “Racismo é aquilo que é julgado pela cor, por uma única cor negra”; ou “É quando a pessoa é julgada pelo seu olhar físico, julgada pelo que é, e não pelo que ela faz”.

Na segunda indagação (você acha que há diferença entre preconceito e discriminação? Se sim, qual?), os alunos não estavam com dúvida como no primeiro questionário: “O preconceito é algo falado e a discriminação é a ação que leva às vezes para a violência verbal”. Outra resposta que se obteve foi: “Sim, o preconceito pode ser destacado de várias formas, podemos ver na crença, sexualidade, no jeito de se vestir e discriminação é o indivíduo colocar isso em prática”.

Sabendo disso, ao responderem o que é uma educação antirracista, relataram que: “São ações que procuram conscientizar, as pessoas a não julgar o negro e nem praticar o racismo”; “Eu acho que é uma escola que ensina a pessoa a não praticarem o racismo, dão conselhos e palestras”; “É ensinar nas escolas a combater o racismo”.

Em relação ao conhecimento dos alunos sobre a literatura afro-brasileira, no primeiro questionário, apenas uma pessoa disse conhecer um pouco e os restantes da turma não estavam familiarizados com essa literatura. Nessa nova sondagem, os alunos informaram que já conhecem essa literatura, pois a maioria respondeu que “Sim”; “Sim, conheci através das meninas que estagiaram em nossa sala”; “Sim, essa literatura relata a história dos povos

negros”. Na pergunta sobre se já leram alguma obra dessa literatura, a turma respondeu: “sim, o conto “Maria”. Foi por meio das aulas de regência que a turma conheceu a escritora Conceição Evaristo e alguns também recordaram de Maria Firmina: “Sim, Conceição Evaristo”; “Sim, Conceição Evaristo e Maria Firmina”.

Num segundo momento, os alunos apresentaram as suas produções de poemas e paródias. No início eles estavam tímidos, mas, ao motivá-los, com o apoio da professora regente, logo eles começaram a ler. Em seguida, foram entregues as lembrancinhas e um prêmio para os alunos mais participativos no decorrer da aplicação do projeto. Tivemos dois estudantes que se destacaram: o estudante 1, que estava sempre atento às apresentações e que participava das aulas; e o estudante 2.

O estudante 1 ressaltou que é importante ensinar literatura afro-brasileira para que os alunos saibam que o povo negro tem uma história de luta e que eles contam através da escrita: “nós, estudantes, tivemos a oportunidade de conhecer essa literatura”. Já o estudante 2 destacou em sua fala que:

Apesar de ser um assunto que deve ser falado em todo momento pois é uma coisa precária na sociedade, poucas pessoas buscam falar sobre isso, se a gente parar para olhar os projetos de outras pessoas, geralmente está relacionado a outros fatores tão importantes, mas o racismo que é algo que destroem vidas, acaba sendo deixado de lado, porque... por mais que tenha entrado uma educação antirracista a muito tempo, se tornou cada vez mais distante uma possível radicação, muitas vezes acreditamos é só um trabalho na sala que não vai mudar nada, só que a partir daqui podemos ter consciência das nossas atitudes, pois muitas vezes cometemos racismo sem saber que de fato, cometemos racismo e também tem uma história sobre o menino que tinha vários peixes na praia e ele colocava um por um e as pessoas falavam por que você está fazendo isso? Se você não vai salvar todos? Só que a partir daquele momento daquele único peixinho fazia a diferença, e assim vocês fizeram na nossa escola (Estudante 2, 2024).

Essa fala foi de uma aluna negra que sonha em ser escritora e que já sofreu racismo na escola. Por conseguinte, a professora regente agradeceu a parceria da Universidade UEMA e destacou que trazer as questões do racismo dentro da literatura para a sala de aula é desenvolver um diálogo democrático, pois a escola é um dos espaços sociais onde o racismo aparece de forma bem escancarado. Por isso, professores, alunos e comunidade acadêmica precisam discutir e refletir para que haja uma mudança, e essa mudança vem através de diálogo. Ela finalizou a sua fala dizendo não ao racismo.

A oficina também permitiu destacar o impacto que esse trabalho teve com os alunos, incluindo a mudança de opinião. Essa evidência é perceptível em relação às respostas do primeiro e do segundo questionários, tendo sido fundamental trabalhar o conto “Maria” para o desenvolvimento de uma educação antirracista. Além do conto, a abordagem sobre a literatura



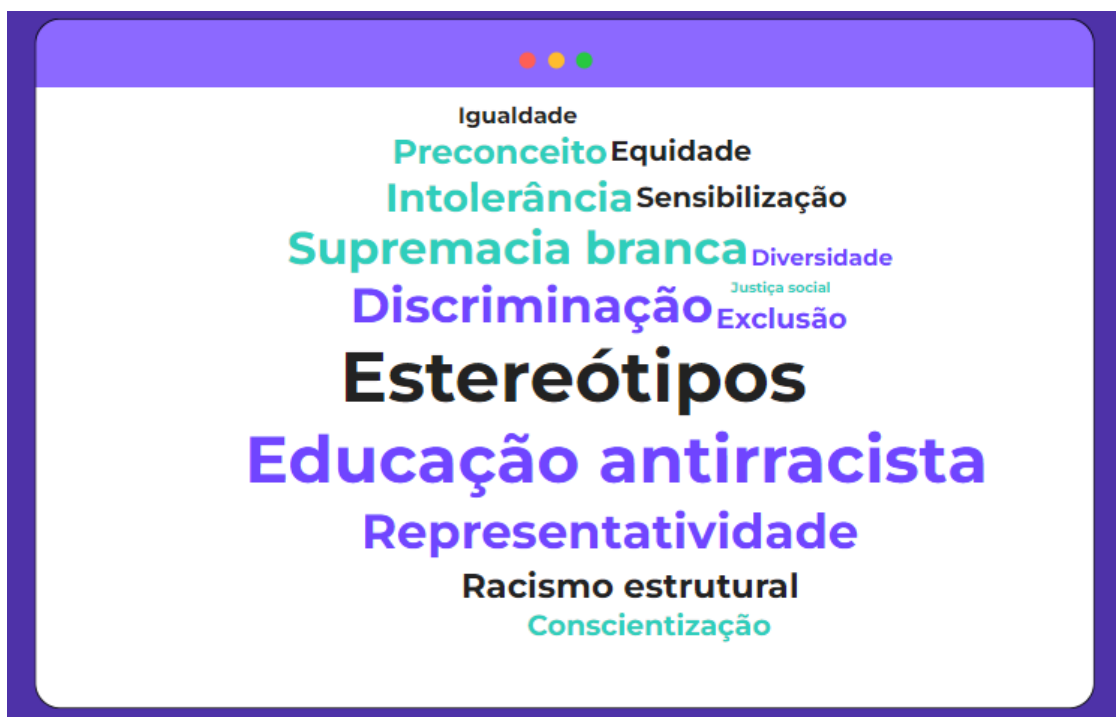
afro-brasileira e as relações éticas raciais foram de suma importância para a interação na sala de aula.

Vale lembrar que na sala de aula em questão não é colocada em prática metodologia voltada ao ensino de uma educação antirracista, sendo este o primeiro trabalho realizado em sala para discutir esse tema. As atividades desenvolvidas pelos alunos estão de acordo com as tarefas propostas, que previam a discussão do impacto do racismo, que é um assunto que precisa ser bastante compartilhado no ambiente escolar.

Diante disso, percebeu-se que, dentro da comunidade escolar, ainda acontece muitos casos de racismo e que, por meio do conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, foi possível refletir e discutir sobre esses assuntos. Essa é a razão de se trabalhar a literatura afro-brasileira nas escolas, para que haja uma diminuição desse signo que tem todo um contexto histórico. Foi possível constatar que o não acesso dos alunos às obras de literatura afro-brasileira deixa-os desinformados acerca da história e da cultura negra, porém, eles agora estão sabendo que, por meio das obras literárias, é possível crescer com uma mentalidade crítica e respeitosa.

Por fim, tem-se uma nuvem de palavras com os principais conceitos abordados neste trabalho:

**Quadro 14** - Nuvem de palavras sobre as principais temáticas abordadas neste trabalho



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Através deste quadro, é possível perceber que a educação antirracista aborda assuntos profundos de cunho sócio-histórico, mas que ainda estão presentes nos dias atuais. Dessa maneira, é possível perceber que, mesmo nos dias atuais, essas temáticas ainda estão bastante presentes, necessitando, assim, discussões e reflexões sobre atitudes que devem ser tomadas para que a nossa sociedade seja mais igualitária e justa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou reflexões sobre a educação antirracista e como esta é importante para a nossa sociedade. Além disso, esta proposta contribuiu para o entendimento da importância do ensino da literatura afro-brasileira no combate ao racismo no campo escolar. Foi notória a importância de que os alunos compreendam a necessidade de discutir questões raciais, possibilidade que se concretiza através da literatura, quando tiveram conhecimento do valor da contribuição histórica africana na formação da cultura brasileira.

Por esse aspecto, buscou-se mostrar que a educação antirracista vai muito além de uma simples disciplina, já que um dos papéis desempenhados por ela é justamente o de combater o racismo e qualquer tipo de expressão de preconceito, tornando a escola um espaço de desconstrução da discriminação étnico-racial que permeia sociedade.

Diante do exposto, assume-se que o objetivo principal deste trabalho foi cumprido, tendo em vista que foi apresentado o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, como proposta para a promoção de uma educação antirracista na sala de aula do 3º ano do Ensino Médio, no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral. As produções dos estudantes e respostas às perguntas do questionário contribuíram significativamente para a aquisição de conhecimento destinado à construção deste trabalho. Os dados coletados favoreceram uma visão aprofundada de assuntos que deveriam ser abordados com mais frequência nas escolas de nosso país.

Vale ressaltar que os objetivos específicos também foram alcançados, já que estes destinavam-se a: analisar o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, para identificar elementos culturais, históricos e afro-brasileiros presentes e que podem contribuir para uma discussão sobre a educação antirracista; identificar metodologias implementadas ou se já foram implementadas para avaliar se o conto “influencia” na percepção dos alunos em relação à temática da educação antirracista.

Por fim, é inquestionável a importância da educação antirracista nas escolas de nosso país. Nesse sentido, a literatura é uma importantíssima ferramenta que pode ser utilizada no combate ao racismo, pois dá voz àqueles que estão silenciados pelo preconceito e opressão. Por consequência, uma sociedade igualitária racial só será possível quando todos tiverem conhecimento do verdadeiro conceito de racismo.

Futuramente, o caderno antirracista, com os poemas e paródia dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, poderá se tornar uma obra impressa para a exposição na própria instituição escolar, tornando-se uma fonte material de estudo no decorrer do ano letivo, principalmente

na data comemorativa do Dia da Consciência Negra. Assim, os discentes que produziram os poemas poderão socializar as suas reflexões acerca do racismo e enfatizar a relevância de estudar a literatura afro-brasileira para promover uma educação antirracista.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Giselle Maria Santos. A importância da literatura de autoras negras brasileiras na luta antirracista. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 2021.

BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm?msckid=0c0d30](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm?msckid=0c0d30)> Acesso em: 10 jan. 2024.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo, SP: Selo negro, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo, SP: Summus, 2001.

D'ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multiculturalismo. **Afro-Ásia**, n. 19-20, 1997.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 141-156, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/debus.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afrodescendência. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte, MG: FALE-UFMG, 2005. p. 113-131.

DUARTE, Eduardo. Literatura Afro Brasileira: Elementos para uma conceituação. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, no 2, p. 77-90, jul/dez 2009.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas, Editora 2016.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPNI**, Guarulhos, v. 6, n. 14, p. 236-263, jul./out. 2014. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141>> Acesso em: 07 jan. 2024.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002. Cap. 4, p. 41-57.

GOMES, Nilma Lima. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Educação antirracista: Caminhos abertos para Lei Federal 10.639/2003**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 236.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, p. 167-182, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>> Acesso em: 09 jul. 2024.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 2. ed. Campinas, SP: Alinea, 2001.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de estudos Brasileiros**, n. 28, p. 91-99, 1988.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JOLY, Fábio Duarte. **A escravidão na Roma Antiga: política, economia e cultura**. São Paulo, SP: Alameda, 2005.

LAJOLO, Marisa. Olhos d'água, de Conceição Evaristo. **Literafro**, 2016. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/200-olhos-d-agua-de-conceicao-evaristo-por-marisa-lajolo-critica>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. Técnicas de pesquisa. In: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LAVERDE, Sheila Dias da Silva. Narrativas literárias da africanidade e da afrodescendência: um caminho para a descolonização. In: ZOLIN-VESZ, Fernando (org.). **Linguagens e descolonialidades: arena de embates e sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

LIMA, Tânia Alves de. **Literatura Africana e Afro-brasileira: A Construção da Identidade dos Estudos Negros**. 2017. 97f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, na

especialidade de Administração Escolar) - Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; SANTOS, Jorge Luís Rodrigues. A presença/ausência da história e cultura negra na escola. *In*: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **Relações étnico-raciais e diversidade**. Niterói, RJ: Editora da UFF, Editora Alternativa, 2013. p. 89-102.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003. p. 1-17.

NOTARI, Márcio Bonini. Criminalização da discriminação em razão da diversidade de gênero. **Ius Gentium**, v. 10, n. 1, p. 65-89, 2019. Disponível em: <[https://doi.org/10.21880/ius\\_gentium.v10i1.462](https://doi.org/10.21880/ius_gentium.v10i1.462)> Acesso em: 15 fev. 2024.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, p. 621-623, 2009. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24327933>> Acesso em: 15 fev. 2024

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões de gênero, raça e classe. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 49, p. 33-50, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-4018493>> Acesso em: 15 fev. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Maria *et al.* **Desigualdades De Gênero: a mulher negra no mercado de trabalho**. Trabalho apresentado na VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas. Ago, 2017.

SANTOS, Regina Celi dos. **Contribuições para superar o racismo na escola: valorização pelo reconhecimento da importância da identidade, história e cultura afro-brasileira**. 2015. 80f. Monografia (Especialização em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/14559>> Acesso em: 15 mai. 2024

SILVA, Andressa Queiroz; COSTA, Rosilene Silva. Educação antirracista é educação transformadora: uma análise da efetividade da Lei nº 10.639/03. **Revista em Favor de Igualdade Racial**, v. 1, n. 1, p. 17-35, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/1993>> Acesso em: 10 mai. 2024.

SILVA, Luís Cláudio Ferreira; SILVA, Marisa Corrêa. A personagem feminina em Saramago. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL EM ESTUDOS DA LINGUAGEM: DIVERSIDADE,

ENSINO E LINGUAGEM, 2., 2010, Cascavel, PR. **Anais [...]**. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2010.

SILVA, Vera Lúcia Neri. **Os estereótipos racistas nas falas de educadoras infantis:** suas implicações no cotidiano educacional da criança negra. 2002. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. Disponível em: <<http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Os-Estereotipos-Racistas-nas-Falas-de-Educadoras-Infantis-Vera-Silva.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2024

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; KASSEM, Jamile Sumaia Serea Kassem. A educação inclusiva como forma de desenvolvimento da personalidade. **Revista Jurídica Direito & Paz**, v. 1, n. 44, p. 18-36, 2021.

SOUZA, Claudenir de. **Mulheres negras contam sua história**. Brasília, DF: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

TROYNA, Barry; CARRINGTON, Bruce. **Education, racism and reform**. London, UK: Routledge, 1990.



# APÊNDICES



## ANEXO

UEMA/CAMPUS SANTA INÊS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS: CURSO DE LETRAS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa: Literatura Afro-brasileira na sala de aula: o estudo do conto "Maria", de Conceição Evaristo como proposta de ensino para uma educação antirracista, sob a responsabilidade da pesquisadora Fabrícia Gonçalves Vieira Moreira, pertencente a instituição: **Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/ Campus Santa Inês, MA.** O objetivo da pesquisa é trabalhar com o conto “Maria”, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, como proposta para a promoção de uma educação antirracista na sala de aula, no 3º ano do ensino médio no Centro de Ensino Professora Leuda da Silva Cabral. Sua participação é voluntária e se dará por meio dos registros escritos, ou por qualquer meio tecnológico, sabe-se que, além do fato de que responder e resolver atividades toma tempo do participante. Logo, desconfortos podem advir de tais situações, as quais estão previstas no trabalho de pesquisa. A pesquisa beneficiará a comunidade escolar em virtude dos conhecimentos que serão gerados, e favorecerá tanto o processo de ensino como o de aprendizagem de língua materna. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Após o seu consentimento, se caso queira desistir, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa e coleta dos dados, independente do motivo, e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados em nosso TCC, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com os pesquisadores. Eu, o pesquisado, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo. Este documento é emitido em duas vias que serão assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um. Reclamações e/ou insatisfações relacionadas à sua participação na pesquisa poderão ser comunicadas UEMA – Campus Santa Inês, ao orientador e pesquisadores.

Assinatura do participante:

---

Santa Inês - MA, 25 de março de 2024.